

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO COM LINHA ESPECÍFICA EM EMPRESAS**

CAROLINE ALVES PINHEIRO

**EMPREENDEDORISMO FEMININO: ESTUDO DE CASO NA CÂMARA DA
MULHER EMPRESÁRIA DA ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE CRICIÚMA -
ACIC**

CRICIÚMA

2017

CAROLINE ALVES PINHEIRO

**EMPREENDEDORISMO FEMININO: ESTUDO DE CASO NA CÂMARA DA
MULHER EMPRESÁRIA DA ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE CRICIÚMA -
ACIC**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharel no curso de Administração de Empresas da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Almerinda Tereza Bianca Bez Batti Dias

CRICIÚMA

2017

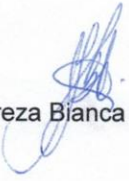
CAROLINE ALVES PINHEIRO

**EMPREENDEDORISMO FEMININO: ESTUDO DE CASO NA CÂMARA DA
MULHER EMPRESÁRIA DA ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE CRICIÚMA -
ACIC**

Trabalho de Conclusão de Curso
aprovado pela Banca Examinadora para
obtenção do Grau de bacharel, no Curso
de Administração de Empresas da
Universidade do Extremo Sul
Catarinense, UNESC, com Linha de
Pesquisa em Empreendedorismo em
Organizações Públicas e Privadas.

Criciúma, 04 de julho de 2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Almerinda Tereza Bianca Bez Batti Dias- (UNESC) - Orientadora


Prof. Cleusa Maria Souza Ronsani - (UNESC)

Prof. Débora Volpato - (UNESC)

**Toda honra, toda glória e meu esforço
dedico a ele, Deus.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por conceder a oportunidade de estudar e permitir ter chegado a este momento do curso.

Agradeço a minha família, especialmente a minha mãe, pela existência e compreensão.

Agradeço ao meu esposo sempre atencioso e que, em todos os momentos, lembrava-me do motivo o qual eu iniciei a graduação, para não desistir no meio da trajetória, e, em todos os momentos, surpreendeu-me com tamanha a atenção e generosidade.

A minha tia que sem saber serviu de exemplo. Literalmente uma pessoa que foi o espelho, neste primeiro momento da tomada de decisão de ingressar na graduação.

Ainda à UNESC que contemplou como bolsista e oportunizou a entrada na instituição e permitiu o ingresso no curso de Administração de Empresas e à professora Almerinda Tereza Bianca Bez Batti Dias que sempre esteve disponível para orientar e motivar nesta etapa. Também as três empresárias que colaboraram para este trabalho.

Portanto agradeço a todos os citados que, de alguma forma, marcaram de forma significativa e contribuíram para a realização deste trabalho.

“Quando você tropeçar, mantenha a fé. Quando for nocauteado, levante rápido. Não ouça quem diz que você não pode ou não deve continuar”.

Hillary Clinton

RESUMO

PINHEIRO, A. C. Empoderamento Feminino: Estudo de Caso na Câmara das Mulheres Empresária da Associação Empresarial de Criciúma - ACIC. 2017. 69 páginas. Monografia do Curso de Administração de Empresas, da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC.

Este trabalho pretende trazer uma reflexão acerca das mulheres como empreendedoras. Em razão disso, o trabalho tem como objetivo compreender as motivações e desafios que levaram as mulheres a empreenderem. Tiveram-se como revisão da literatura as temáticas do empreendedorismo feminino e a divisão sexual do trabalho. Tratou-se de pesquisa qualitativa descritiva, com pesquisa de campo aplicada, por meio de entrevista, a três empreendedoras da Câmara da Mulher Empresária de Criciúma. Os dados coletados foram analisados no que tange ao empreendedorismo feminino, conforme os dois eixos apontados por Jonathan (2011) e a divisão sexual do trabalho pautada (HIRATA; KERGOAT, 2007). Como principais resultados foram identificados os motivos – realização pessoal, responsabilidade social, e a necessidade do mercado; desafios – cenário econômico, lacuna, e mudança na concepção das pessoas acerca do ramo de atuação; consequências – separação conjugal, não ter filhos, e pouco tempo disponível para família; e dificuldades – apoio para projetos, aceitação do mercado e impostos. Também foram identificadas as características de liderança, empoderamento e mudanças sociais nas empreendedoras: persistência, apaixonadas, e visão social. Acerca da divisão sexual do trabalho, a desigualdade permanece, no entanto, a pesquisa com dados primários identificou que elas precisam se dedicar mais, para provar que são capazes, e ainda desenvolver múltiplos papéis.

Palavras-chave: Empreendedorismo Feminino. Empoderamento. Gênero. Divisão Sexual do Trabalho. Pesquisa Qualitativa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Organização do trabalho.....	17
Figura 2 - Síntese dos procedimentos.....	41
Figura 3 - Perfil das entrevistadas.....	42
Figura 4 - Síntese das características das empreendedoras entrevistadas.....	47
Figura 6 - Síntese das características empreendedoras das entrevistadas.....	51

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resultados dos estudos empíricos.....	32
Quadro 2 - Roteiro estruturado da entrevista	39
Quadro 3 - Características empreendedoras localizadas por Jonathan (2011)	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PMC	Prefeitura Municipal de Criciúma
GEM	<i>Global Entrepreneurship Monitor</i>
ACIC	Associação Empresarial de Criciúma

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 SITUAÇÃO PROBLEMA.....	14
1.2 OBJETIVOS	14
1.2.1 Objetivo geral	14
1.2.2 Objetivos específicos	14
1.3 JUSTIFICATIVA	15
1.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	17
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1 GÊNERO.....	18
2.2 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO	20
2.3 EMPREENDEDORISMO.....	26
2.3.1 Conceito de empreendedorismo e empreendedor	26
2.3.2 Empreendedorismo feminino	29
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	37
3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	37
3.2 LOCAL E POPULAÇÃO DA PESQUISA – ESTUDO DE CASO.....	38
3.3 PLANO DE COLETA DE DADOS	38
3.4 PLANO DE ANÁLISE DOS DADOS.....	39
3.5 SÍNTESE DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	41
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	42
4.1 PERFIS DAS EMPREENDORAS.....	42
4.2 CARACTERÍSTICAS EMPREENDEDORAS ENTREVISTADAS.....	43
4.2.1 Eixo 1: Desafio de escolher o empreendedorismo - motivos, desafios, dificuldades e consequências	43
4.2.2 Eixo 2: Exercício do poder pelas empreendedoras - características de liderança, empoderamento e mudanças sociais	48
4.3 AS CARACTERÍSTICAS PELO OLHAR DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO	51
5 CONCLUSÃO	55
REFERENCIAS	58

1 INTRODUÇÃO

O tema empreendedorismo não é algo novo, ou seja: é bastante antigo e remetem às primeiras invenções humanas, quando se deu origem aos primeiros processos de negociações. Esse tema tem despertado interesse crescente nos últimos anos em grupos de pesquisas, instituições e acadêmicos no mundo e, também, no Brasil. O mérito do empreendedor não está em ter uma boa ideia nem na capacidade de ter visão de oportunidades de sucesso, mas na sua capacidade de operacionalizar a oportunidade (AIDAR, 2007).

Greco et al. (2009) esclarecem que o Brasil é o terceiro país mais empreendedor do G-20 se considerada a Taxa de Atividade Empreendedora Total (TAE). Tratando-se da estimativa de empreendedores desse grupo, os três países com maior número de pessoas envolvidas em alguma atividade empreendedora são atraentes, na Índia são 76 milhões de pessoas, Estados Unidos, com 20 milhões, e o Brasil em terceiro com 14,6 milhões.

Cabe ressaltar que os conceitos de empreendedorismo e de empreendedor obtiveram várias tentativas de definição na literatura. Este trabalho ancora o empreendedorismo como o fato de estar aberto para identificar problemas e oportunidades e estar dispostos a investir recursos e competências na criação de um negócio (CANTILLON, 2002).

Logo o tema empreendedorismo tem sido visto pela sociedade em geral, como fundamental veículo de inovação, crescimento e realização individual (BARROS; PASSOS, 2000). Segundo Fialho et al. (2006), empreendedorismo é o processo e a capacidade de inovação que acontece em diferentes ambientes e situações empresariais, oportunizando o sucesso, por meio da execução realizada por empreendedores que eles próprios criam ou aproveitam ocasiões momentâneas, realizam atividades de valor agregado tanto para si próprios, quanto para a sociedade, ou seja, é a materialização de um sonho, de um almejo pessoal ou profissional. Cabe ressaltar que essa característica também se enquadra no empreendedorismo feminino.

Ao evidenciar o empreendedorismo feminino – temática central deste trabalho, observa-se que ele ganha espaço no Brasil e importância para a economia nacional e, também, desperta muito curiosidades pelo tema (DORNELAS, 2008).

Verifica-se que, cada vez mais, aumenta o empreendedorismo fomentado por mulheres, tornando-o, portanto, abundante a crescente das mulheres como empreendedoras (DAMASCENO, 2010). O empreendedorismo feminino Machado (2002) pontua como característica do empreendedorismo feminino o fato de que o processo de gestão das mulheres empreendedoras ou mulheres de negócios preocupa-se em definir objetivos de forma clara para que toda a organização possa entender a busca por um estilo gerencial que promova a combinação das atividades realizadas com a satisfação de todos os envolvidos, buscando encorajar a participação, compartilhar poder e informação, estimular, valorizar e motivar os envolvidos no trabalho.

Articulando o empreendedorismo feminismo com os motivos que levaram as mulheres ao ambiente de trabalho, a escolarização das mulheres resultou em maiores conquistas, portanto, ainda desiguais (ABRAMO, 2004), Andrade e Carvalho Neto (2015) esclarecem que foi, a partir do século XIX, registrada a maior participação da mulher como força de trabalho e indicam como uma das causas às mudanças na legislação do trabalho as quais contribuíram para que este público construísse carreira (ANDRADE; CARVALHO NETO, 2015). Também se pode relatar a participação das mulheres na economia, a entrada delas é por meio de ações empreendedoras, nas quais elas colocam em prática os seus saberes, na maioria das vezes fruto de uma ação familiar e cultural. Outra questão é o fato de o crescimento na participação empreendedora nem sempre vinculada a uma ação profissional formalizada, e ainda com pouca ou nenhuma orientação de gestão, minimizando a possibilidade de empoderamento, mas presente no cenário e em busca de crescimento (NATIVIDADE, 2009).

Este trabalho busca focalizar o empreendedorismo feminino e busca articulá-lo com a questão da divisão sexual do trabalho, por meio de uma pesquisa aplicada com três empresárias que compõem o quadro das mulheres empreendedoras da Câmara da Mulher Empresária de Criciúma. O trabalho esta estruturado conforme a figura 1.

1.1 SITUAÇÃO PROBLEMA

Quando observado o contexto do trabalho para as mulheres, percebe-se que a desigualdade ainda está presente, seja a ação empreendedora ou não. A temática da mulher é debatida pelo senso comum, mas ainda de forma bastante superficial e repleta de lugares que avigoram estereótipos, portanto, tornando insuficiente a contribuição para que as mulheres alcancem de fato o espaço que merecem (ANDRADE; CARVALHO NETO, 2015).

Entretanto, apesar dessa exclusão, hoje muitas mulheres estão conscientes de que precisam se impor serem agentes de mudança, formadoras de opinião e capazes de exercer com segurança as atividades para atuarem no espaço da esfera pública – contraponto com a esfera doméstica: da casa, do cuidado. (PORTO, 2007). Atualmente, observa-se o aumento das mulheres no mercado de trabalho, principalmente das mulheres empreendedoras (DAMASCENO, 2010).

Nesse contexto, tem-se como pergunta de pesquisa: Quais foram as motivações e os desafios que levaram a mulher empresária de Criciúma a empreender e como escolhem o ramo de atuação?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Compreender as motivações e desafios que levaram as mulheres a empreenderem.

1.2.2 Objetivos específicos

- Traçar o perfil das pesquisadas;
- Verificar os motivos e desafios que levaram as mulheres ao empreendedorismo;
- Identificar as consequências em razão de terem-se tornado empreendedoras, bem como as dificuldades enfrentadas pelas empreendedoras;

- Levantar as características de liderança das pesquisadas;
- Identificar se empreendedoras apoiam o empoderamento de mulheres;
- Articular as características empreendedoras das entrevistadas com a abordagem da divisão sexual do trabalho.

1.3 JUSTIFICATIVA

O comparecimento feminino no mercado de trabalho começa a intensificar, oportunizando espaço para a discussão sobre a carreira feminina em posições gerenciais e profissionais. Além disso, as mulheres eram informalmente ou formalmente excluídas das ocupações gerenciais e profissionais (CROMPTON, 2006).

Logo, estudar o empreendedorismo feminino é relevante por diversos motivos, um deles é em razão da sua participação nas estatísticas. Quando são considerados apenas os empreendedores masculinos, o Brasil fica na 13ª posição. No entanto considerando a classificação feita apenas entre empreendedoras mulheres o Brasil passa a ser o 6º na posição (AIDAR, 2007). O crescimento eminente das mulheres como empreendedoras no Brasil chama atenção para o seu estudo.

É perceptível a crescente participação das mulheres no empreendedorismo e elas são responsáveis por uma parte, pelo impacto positivo na economia a qual indica o grande potencial, e a significativa contribuição do empreendedorismo feminino para o desenvolvimento do Brasil (JONATHAN, 2011).

Mas empreender para as mulheres não tem sido uma tarefa fácil, para Gimenez (2010), as mulheres enfrentam maiores empecilhos em diversas situações e, muitas vezes, são discriminadas em processos sucessórios nas empresas. Além disso, é perceptível uma sobrecarga relacionada à dupla jornada de trabalho, porque a mulher tem que conciliar a carreira profissional e a vida pessoal (BRUSCHINI, 2000).

No entanto Dornelas (2008) constatou que há maior potencial de sobrevivência dos negócios quando há uma mulher envolvida na direção da organização. Há certo consenso de que a mulher é mais comprometida, disciplinada e planeja mais, além da facilidade de realizar várias atividades ao mesmo tempo.

Eles consideram esses atributos femininos e os veem com bons olhos, pensam serem esses atributos de grande valia para a carreira executiva (ANDRADE; CARVALHO NETO, 2015).

Mas a desigualdade permanece e naturaliza características distorcidas acerca da mulher. Loureiro e Cardoso (2008) afirmam que as mulheres possuem as denominadas características femininas as quais são descritas como sendo emocionais nas suas decisões. A ascensão da mulher ao poder encontra barreiras nos estereótipos socialmente construídos e aceitos sobre o papel da mulher e do homem (SANTOS; ANTUNES, 2012). Outra questão é que os executivos consideram que as mulheres são criadas para serem mães. Por isso, quando atingem posições de destaque em grandes organizações precisam se esforçar mais, tem que provar o tempo todo que são melhores que os homens, que são capazes e competentes (ANDRADE; CARVALHO NETO, 2015).

As mulheres executivas, ao mesmo tempo em que representam um pioneirismo, por ocupar espaços nas organizações exclusivamente ocupados por homens, são sujeitas a várias interrogações de ordem moral (CYRINO, 2011). Os homens executivos veem as mulheres executivas com um estilo feminino, ou eles notam nelas algumas características socialmente construídas masculinas (ANDRADE; CARVALHO NETO, 2015).

Percebe-se que, mesmo diante de dificuldades, as mulheres – no mesmo sentido as empreendedoras - tornam-se protagonistas de carreiras as quais antes era eminentemente masculina e passam a enfrentar barreiras para crescer profissionalmente (ANDRADE; CARVALHO NETO, 2015). Dessa maneira, justifica-se este estudo o qual tem como foco o empreendedorismo feminino articulado as questões que geram a divisão sexual do trabalho.

Além disso, por trás do empreendedorismo não tem uma série de motivos específicos e universais, deste modo, não há como afirmar e relatar sobre abertura de empresas por necessidade ou por oportunidade e delimitar tais conceitos (FERREIRA; NOGUEIRA, 2013).

1.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O trabalho está organizado conforme detalhamento apresentado na Figura 1.

Figura 1 - Organização do trabalho

CAPÍTULO 1	Introdução	Apresentação		
		Situação problema		
		Objetivos da pesquisa	Objetivo geral Objetivos específicos	
		Justificativa		
		Organização da monografia		
CAPÍTULO 2	Pressupostos teóricos	Fundamentação Teórica	Gênero: Conceitos Divisão Sexual do trabalho: Espera pública e espera privada Empreendedorismo: Conceitos e diferenças de características de empreendedorismo e empreender Empreendedorismo Feminino: Conceitos e resultados empíricos	
CAPÍTULO 3		Metodologia da pesquisa	Classificação da Pesquisa Local e população: Estudo de caso Plano de coleta de dados Análise das características empreendedoras Síntese dos procedimentos	
CAPÍTULO 4	Estudo de Caso	Estudos sobre empreendedorismo feminino	Levantamento do perfil das empreendedoras	
			Características das investigadas	Motivos, desafios, consequências e dificuldades Características de liderança das entrevistadas
			Olhar para divisão sexual do trabalho	
CAPÍTULO 5	Conclusão	Reflexões finais	Reflexões acerca dos Objetivos	
			Limitações da Pesquisa	
			Sugestões para Futuras Pesquisas	

Fonte: Elaborado pela acadêmica.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, tem-se como objetivo apresentar a revisão da literatura. Primeiramente é contextualizado sobre a temática de gênero; na seção seguinte, aborda-se a divisão sexual do trabalho, em seguida empreendedorismo e empreendedor e, para finalizar a última seção do capítulo versa sobre o empreendedorismo feminino cuja temática é a essência deste trabalho.

2.1 GÊNERO

De acordo com a definição “tradicional” de gênero, este pode ser usado como sinônimo de “sexo”, referindo-se ao que é próprio do sexo masculino, assim como do sexo feminino, identificando e diferenciando-os. Entre os estudiosos sobre gênero, destaca-se Scott (1995), a qual esclarece que gênero é um artifício característico de relações sociais fundamentadas nas diferenças percebidas entre os sexos e diz também que o gênero é uma forma principal de dar significado às relações, inclusive as de poder. Calás e Smircich (1999) definem gênero como aquele sociologicamente construído resultado da socialização e vivência das pessoas. Para estas autoras, o conceito de gênero insinua pluralidade e multiplicidade nas concepções de homem e mulher. Assim, gênero deve ser entendido de forma mais ampla, com múltiplas instâncias nas relações sociais e organizações, envolvendo diversas doutrinas e símbolos.

Izquierdo (1994) explica a diferença entre sexo e o gênero como uma maneira de separar as limitações e as capacidades dependentes pelas características sexuais biológicas particulares dos padrões de identidade, características e estereótipos moldados pelos atributos sociais, psíquicas e históricas. Tais características do indivíduo são julgadas pela sociedade e então determina como a pessoa deve comporta-se. O autor afirma as relações de gênero existem em todos os lugares e em todos os níveis de classe social, cultural e outros.

As relações de gênero e sexo são consideradas como práticas discursivas por meio das quais se manifestam as relações de poder e resistência entre as pessoas, logo é necessário analisar o gênero com referência e especificidade de cada discurso (CALÁS; SMIRCICH 1999). Também Capelle et al. (2007) comentam

que a relação de gênero deve-se considerar como práticas discursivas que refletem e distribuem manifestações de capacidade e resistência entre as pessoas, de acordo com os interesses dos grupos que se organizam e se enfrentam em campos de disputas sociais.

Tais questões de gênero levam à desigualdade entre mulheres e homens tanto na esfera privada quanto na pública. Analisa-se que, apesar das transformações dos papéis das mulheres e dos homens, em meio familiar - privado, quanto no meio de trabalho - público, ainda existe e é visível o desequilíbrio entre o masculino e o feminino em vários aspectos (CALÁS; SMIRCICH, 1996). Esse fato estabelece um assunto de análise em comum entre as perspectivas que discutem as relações de gênero, incluindo-se, entre elas, a abordagem feminista organizacional, a qual procura avaliar como o gênero é imaginado pelas criaturas e como a distinção de gênero é construída, pensada, reforçada e vinculada nas organizações (CALÁS; SMIRCICH, 1996).

Esta abordagem busca o desenvolvimento da sociedade livre de diferenças de gêneros ou sexos diferentes, protegendo um conhecimento geral, centralizado nos aspectos femininos e considera o gênero como uma parte das relações históricas de opressão capitalista das classes sociais, ou seja, as mulheres são vistas como uma das classes oprimidas por esse sistema. Dessa maneira gênero é constituído processual e socialmente mediante intersecções de sexo, raça, ideologia e opressão sob os sistemas capitalista e patriarcal (CALÁS; SMIRCICH, 1996).

Nesse mesmo sentido, Cappelle, Melo e Brito (2004) defendem que as modificações nos papéis sociais femininos e masculinos vêm abalando os quadros de referência que direcionam as relações de gênero e, conseqüentemente, os aspectos sociais. E ainda afirmam que a crescente inserção feminina nas organizações tem alterado o comportamento das pessoas nas relações de trabalho. As mulheres estão conquistando espaço em muitas atividades, mas, mesmo com melhores níveis de escolaridade que os homens, ainda recebem menos e têm menores oportunidades de crescimento nas organizações.

Contudo Gomes et al. (2009) defendem que há homens com características predominantemente femininas e vice-versa. O gênero não garante o estilo de gestão. Entretanto, as diferenças entre os estilos podem ser

complementares para uma gestão efetiva.

Almeida, Antonialli e Gomes (2011) asseguram atributos como pró-atividade, dinamismo, capacidade de planejamento e de inovação, habilidade de lidar com pessoas, espírito de liderança entre outros fatores têm-se revelado fundamentais na busca de diferenciação e competitividade no mercado. Essas características são muito presentes na forma de trabalhar das mulheres e não se pode deixar de reconhecer que elas estão no mercado de trabalho para crescerem e isso tem ocorrido, com o passar do tempo. Os autores enfatizam que as mulheres estão abrindo organizações a uma taxa duas vezes maior do que os homens.

Almeida, Antonialli e Gomes (2011) afirmam que o desempenho estratégico feminino é comum em organizações dirigidas por mulheres, tal como a preocupação com a qualidade dos serviços prestados. Os autores defendem que a sobrevivência das empresas dirigidas por mulheres tem atingido um tempo além da espera, diferente dos resultados padrões encontrados como tempos médios de sobrevivência de pequenos negócios ou microempresas. Porque elas praticam uma combinação de estilo gerencial próprio, com sensibilidade, intuição e cooperação, agrupada à intensa dedicação ao trabalho, contribui para os altos índices de sobrevivência de empresas geridas por mulheres.

2.2 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

A permanência da mulher no interior da casa, junto a seus filhos, familiares, agregados e escravos era uma característica da classe dominante no período colonial brasileiro. Diante dos dois papéis mãe e esposa, a mulher vivenciava uma situação de dependência absoluta, primeiro na condição de filha, depois de esposa e seguida mãe. Esse comportamento era reforçado pelo fato de ela não pode se ausentar do ressoito, porque deveria servir a casa quando necessário. E, no passado as lojas, botecos entregavam em casa as mercadorias impossibilitando a saída de casa das mulheres dona de casa (CARDOSO, 1980; ROCHA-COUTINHO, 1994).

Analisa-se que, apesar das transformações dos papéis das mulheres e dos homens, em meio familiar - privado, quanto no meio de trabalho - público, ainda existe e é visível o desequilíbrio entre o masculino e o feminino em vários aspectos

(CALÁS; SMIRCICH, 1996).

A história da mulher no Brasil inicia o percurso do trabalho feminino começando no período colonial, momento em que a maioria das mulheres tinha como papel na sociedade ser mãe e esposa. No final do século XIX, com o surgimento das escolas no Brasil, surge o magistério como uma possibilidade de estudo e trabalho para elas. De 1950 até os anos 1980, ela deixa de atuar como força do trabalho secundária e passam a conquistar espaço no mercado de trabalho de forma mais qualificadas. Atualmente as mulheres mais do que nunca presente do mercado de trabalho, no entanto permanecem voltadas para o lar, mas também para a carreira profissional, buscando conciliar a atividade para a dupla jornada (ANDRADE; CARVALHO NETO, 2015).

A exploração da mulher pelo homem foi uma característica do regime patriarcal, que durou longo tempo no Brasil, ocorrendo também uma extrema diferenciação dos sexos. No sistema patriarcal, o homem possui todas as oportunidades, limitando a mulher ao serviço e direcionando a condição de doméstica e cuidados dos filhos – esfera privada. A extrema diferenciação do sexo feminino em “belo sexo” e o “sexo frágil” torando a mulher artificial, subordinada ao marido (FREYRE, 2004).

Quando se refere à “casa”, não é simplesmente um local em que de dormimos, comemos, usamos para as necessidades, mas sim lugar o qual é administrado. Se a mulher é da rua, ela é vista e tratada de um modo, se ela é de casa, o tratamento é outro. A mulher da casa não possui a mesma liberdade da mulher da rua, além disso, é vista como parte da casa (DaMATTA, 1991).

Quando chega a corte portuguesa no Brasil, acrescenta-se outra função principalmente as mulheres de classe alta, que passam a ser colaboradoras e incentivadoras dos homens. As mulheres esposas são responsáveis pelo sucesso não apenas dos filhos, mas também do marido (ROCHA-COUTINHO, 1994). Essa chegada promoveu a chamada nova família, modernizando as concepções sobre o lugar da mulher nos alicerces da moral familiar e social (NEDER, 2002). Surgindo o perfil da mulher-suporte. Ao tratar do mercado de trabalho, a mulher participava com timidez como professora primária, trabalho aceito também por ser visto como uma contribuição social da classe burguesa para as classes mais baixas (BERTOLINI, 2002).

A família é uma instituição social que reflete a estrutura política e econômica de uma sociedade, pois, a partir do convívio familiar, as pessoas se constituem como cidadãos. Alguns apontam valores atribuídos às mulheres, aos cuidados infantis e ao trabalho feminino (CASEY, 1992; ALMEIDA, 2007).

A visão da desigualdade de sexo não era válida para todas as famílias, seu comportamento variava de acordo com a situação do casório ou com a classe social. As mulheres de baixo poder aquisitivo, apesar de terem maior liberdade, trabalhavam de forma dura. Algumas de classe mais alta, como viúvas que dirigiam fazendas (ROCHA-COUTINHO, 1994).

Além de uma participação ativa da administração da casa, a mulher se encarregava da educação dos filhos e principalmente das filhas e da fiscalização dos escravos (COSTA, 2002).

Em tempos de guerra as mulheres também fazem tarefas masculinas, uma vez que os homens estavam lutando na guerra e, assim, conquistaram espaço que antes não tinham, mas, quando a guerra acabava, elas sofreram pressões para voltar ao lar (PERROT, 1998). Entretanto, em geral, não houve muita alteração no papel da mulher mãe e esposa na sociedade brasileira (ROCHA-COUTINHO, 1994).

Para Abramo (2007) no passado a inserção ocupacional da mulher em postos de trabalho acontecia em momentos de crise econômica. Portanto, essa situação era de suma importância e necessária para ajudar a suprir a falta de rendimentos da família, devida a falta de trabalho para o marido, e, então, surge à visão da mulher como uma força de trabalho secundária. Desde a industrialização no Brasil, essa ocorrência de saída das mulheres do mercado de trabalho sustenta a visão da mulher como força de trabalho secundária. A mulher sai da atividade econômica no momento em que o homem consegue recuperar sua situação ocupacional, sendo assim uma situação instável para o sexo feminino (ABRAMO, 2007).

A visão é estruturada em torno da ideia de que as oscilações de entrada da mulher no mercado de trabalho estão determinadas de acordo com os papéis que ela desempenha na esfera doméstica, associados às funções de cuidar da “casa”. Esse tipo de entendimento se encontra concentrada nas afirmações que a justificam, que a igualdade de funções entre o homem e uma mulher está recebendo uma remuneração menor, a partir da lógica de que ela não precisa tanto da atividade, em

razão de que seus rendimentos são complementares para provir a família (ABRAMO, 2007).

O significado do termo “afazeres domésticos” já remete machista, pois o significado o trabalho doméstico realizado por mulheres é considerado como inatividade econômica (BRUSCHINI, 2007).

Depois da Segunda Guerra Mundial, alguns fatores contribuíram para a emancipação da mulher brasileira. Um novo modelo do sexo feminino vigente nos países altamente prejudicados pela guerra chegava ao Brasil por meio da literatura. Inicia-se, na década de 1960, a aparecer pontos fracos no rígido modelo patriarcal brasileiro, influenciado pelo movimento feminista e o liberalismo. Era um novo modo de vestimenta, um comportamento mais liberal (BERTOLINI, 2002).

Silva (1995) procurou vincular a participação feminina na atividade econômica e sua contribuição para a renda familiar em diferentes situações familiares. A contribuição do trabalho da mulher na renda familiar ajuda a manter os padrões necessários das suas famílias, podendo sair da classe da extrema pobreza (LEONE, 2000).

A participação feminina na área profissional intensificou-se a partir da década de 1970 com a economia se expandindo. Essa participação cresceu na década de 1980 e na primeira metade de 1990, com a rápida abertura econômica a partir do governo Collor. O aumento da participação na força de trabalho das mulheres, e a estabilização da participação dos homens, contribuindo para uma redução do diferencial entre os sexos (LEONE, 2000; SCORZAFAVE, 2001). Martin (2000) alega que as questões de gênero continuam confirmando as desigualdades na teoria organizacional, algumas vezes marginalizando as mulheres, e outras as ignorando.

A invasão do sexo feminino no mercado de trabalho e a desvalorização da vida no lar ajudaram a diminuir a barreira entre as esferas privada e pública, entre a mulher e o homem. Depois dos fatos acontecidos, quebra-se a identidade feminina, antes centrada na ideia da mulher que se realizava nos afazeres de dona de casa (OLIVEIRA, 1992).

Notou-se um crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho, quanto no âmbito formal, e na área informal, assim como no setor de serviços. Contudo, essa participação se traduz principalmente em empregos

precários e vulneráveis, sendo que a vulnerabilidade é crescente (HIRATA, 2002).

Com a consolidação da mulher no mercado de trabalho, é perceptível uma sobrecarga relacionada à dupla jornada de trabalho, já que a mulher tendo que dar conta de cuidar da carreira profissional e pessoal (BRUSCHINI, 2000). Essa situação é a realidade da mulher atual, sobretudo nas sociedades de capitalismo avançado (BRUSCHINI, 2007).

A divisão do trabalho, portanto, relaciona-se diretamente com o papel da mulher no processo reprodutivo, organizando a família internamente e colocando, assim, a mulher na organização doméstica (BRUHNS, 1995). Se antes o fator econômico foi essencial para a elevação da participação feminina, para alguns o trabalho deixou de ser uma atividade momentânea. A mulher contemporânea está voltando tanto para o trabalho como para a família (BRUHNS, 1995).

Bruschini (2000) salienta que a mulher vem ocupando espaços sociais, culturais e profissionais tradicionalmente destinados apenas aos homens, provocando uma mudança que induz à redução da hierarquia de gênero nas relações conjugais, também nas demais relações sociais e, conseqüentemente, no trabalho.

Segundo Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios - PNAD, (2003), as mulheres correspondem a 22,4% dos empregadores brasileiros, e o número de ocupação delas também mostra uma tendência de crescimento, movimento oposto ao ocorrido em relação aos homens no mesmo período. Percebe-se também que o nível de escolaridade das mulheres tem sido mais elevado se comparado ao dos homens que ocupam as mesmas posições que elas (IBGE, 2003). Embora a remuneração das mulheres seja menor que a deles, além da dupla jornada de trabalho e ainda assim o maior índice de desemprego aponta para a população feminina de trabalhadoras brasileiras que acaba dificultando a inserção no mundo do trabalho (IBGE, 2003).

Embora o cenário seja o de uma dupla segmentação, com a constituição do segmento do emprego masculino e do segmento do emprego feminino, um estabilizado, outro precarizado, a força dissuasiva e de pressão sobre salários, melhores condições de trabalho e de negociação dos trabalhadores de ambos os sexos parece evidente (HIRATA, 2002).

Atualmente, as mulheres são a minoria na classe operária fabril; em

contrapartida, constituem a maioria no comércio e nos serviços. Assim, a precarização do trabalho que atinge a categoria dos trabalhadores do terciário deve ser correlacionada à sua composição sexuada (HIRATA, 2011).

Apesar de toda luta e toda a preparação para conseguir alcançar e ocuparem cargos altos escalão, as mulheres relatam a necessidade de investir cada vez mais no trabalho, forçam-se muito para provar que são capazes o tempo todo de que são capazes. Na visão das mulheres, as organizações ainda valorizam muito mais o trabalho masculino e, com isso, não são tão tolerantes aos erros das mulheres enquanto toleram os erros dos homens (ANDRADE; CARVALHO NETO, 2015). Ou seja, as consequências da precarização e diferenciação são muito contrastantes entre mulheres e homens (HIRATA, 2011).

Segundo as considerações de Andrade e Carvalho Neto (2015), as mulheres são mais cobradas e precisam fazer ser mais rápidas que os homens e não podem errar, precisam comprovar a contribuição para a organização, acabar com as desconfianças que as empresas têm sobre o trabalho da mulher, para manter e subir ainda mais nas hierarquias organizacionais.

A precarização do trabalho tem consequências diferenciadas para homens e mulheres. E as que entram recentemente no mercado de trabalho, essas últimas são mais atingidas pela precariedade do que os homens. Os trabalhos das pesquisadoras Maria Rosa Lombardi e Cristina Bruschini (2008) mostraram claramente que a porcentagem de trabalhadores precários mulheres é de (aproximadamente 30%) era maior do que a porcentagem de trabalhadores precários homens de (aproximadamente 10%) (HIRATA, 2011).

Além do trabalho fora de casa, há as atividades em suas residências, com as quais elas ainda se sentem comprometidas. Ainda hoje os homens não assumem, ou pelo menos dividem igual essa parte. Para eles, a mulher é a responsável, não entendem que atualmente as mulheres trabalham na esfera pública como eles. Esse procedimento desencadeia que as mulheres exercem dupla jornada, trabalham dentro e fora de casa (ANDRADE; CARVALHO NETO, 2015).

Vale a pena destacar, a maneira como as mulheres, mesmo plenamente conscientes da opressão, da desigualdade da divisão do trabalho, ainda assim, continuam a se incumbir do essencial desse trabalho doméstico, inclusive entre as militantes feministas, sindicalistas, políticas, plenamente conscientes dessa

desigualdade. A gestão do conjunto do trabalho delegado é sempre da competência daquelas que delegam. É preciso refletir não apenas sobre o porquê dessa permanência, mas, principalmente, sobre como mudar essa situação (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Elas querem ser bem-sucedidas no trabalho e, para isso, precisam submeter a muitas atividades como transferências de cidades, viagens a negócios, mas ainda estão ligadas a família e filhos, portanto, acaba, por vezes, limitando o crescimento dentro das organizações (ANDRADE; CARVALHO NETO, 2015).

2.3 EMPREENDEDORISMO

Por uma questão didática, inicia-se pelo conceito de empreendedorismo e empreendedor a fim de contextualizar o leitor no tema. Na seção seguinte, focaliza-se o empreendedorismo feminino – temática principal deste estudo.

2.3.1 Conceito de empreendedorismo e empreendedor

O tema empreendedorismo tem sido visto pela sociedade em geral, e também nas dimensões públicas, privada e também no meio acadêmico, principalmente nos cursos de Administração (BARROS; PASSOS, 2000), como fundamental veículo de inovação, crescimento e realização individual.

Segundo a abordagem de Baggio e Baggio (2015), é de suma importância destacar as principais teorias que abordam o empreendedorismo como: a teoria econômica e a teoria comportamentalista. A teoria econômica, também conhecida e chamada como schumpeteriana, que demonstra que os economistas foram os primeiros que perceberam a importância do empreendedorismo. Estes estavam inteiramente interessados em compreender a figura do empreendedor e o impacto da sua atuação na economia. Três nomes destacam-se nessa teoria: Richard Cantillon, Jean Baptiste Say e Joseph Schumpeter (BAGGIO; BAGGIO, 2015).

Empreender é um termo que está relacionado à criação de novas organizações, empresas, serviços, que se iniciam pequenos, e aos poucos vão crescendo, em algumas situações chegando até o sucesso. Significa fazer diferente, buscar oportunidades de negócios, tendo como alvo agregar valores seja eles

profissionais ou pessoais. Portanto, os empreendedores são pessoas que diariamente devem inovar, motivar, crescer, tomar decisões, para continuar a empreender, não somente nos seus respectivos ambientes, mas viabilizando outras oportunidades (FIALHO et al., 2006).

Muitos dos negócios não são criados porque seu fundador identificou uma real oportunidade, ao contrário, eles iniciam sem conhecimento do mercado e da concorrência, sem um diferencial em relação ao que já é existente no mercado. Estes empreendedores são classificados como empreendedores de necessidade, e ao contrário existem os empreendedores de oportunidades (AIDAR, 2007). O autor esclarece que o estilo mais praticado no Brasil é o empreendedorismo por necessidade, movido por falta de oportunidade no mercado de trabalho, e não por oportunidade de um grande negócio, na maioria são motivados pelo sustento familiar.

Cabe complementar que Feger (2004) define esse conceito de empreendedorismo como um processo dinâmico de criação e inovação por sujeitos como o empreendedor que se dispõe a assumir riscos em pró do diferente, comprometem tempo, patrimônio e o comprometimento com a carreira profissional.

Segundo Fialho et al. (2006), empreendedorismo é o processo e a capacidade de inovação que acontece em diferentes ambientes e situações empresariais, oportunizando mudanças por meio de metas viáveis e alcançáveis para a consequente obtenção dos resultados positivos, através da execução realizada por empreendedores que geram ou aproveitam oportunidades de sucesso, que criam e realizam atividades de valor agregado tanto para si próprios, quanto para a sociedade, ou seja, é a materialização de um sonho, de um almejo pessoal ou profissional. O objetivo acarreta na visão sistêmica que se desenvolve na intenção dos atos do empreendedor. E os resultados aparecem a partir da ação criativa, persistente e focada nos objetivos e oportunidades.

O empreendedorismo é um método para iniciar e desenvolver um negócio ou atividades inovadoras que tem por objetivo caminhar para resultar na criação de um empreendimento de sucesso. É a criação de valor agregado por meio do desenvolvimento de uma organização por meio de competências eficazes que possibilitam a descoberta e o controle de recursos e aplicando-os da forma produtiva. A ação empreender está diretamente ligado à administração de recursos

de forma criativa, nova, diferenciada e a possibilidades de assumir riscos calculados e a busca de novas oportunidades (FIALHO et al., 2006).

Castanhar (2007) explica que o processo do desenvolvimento econômico como o resultado do surgimento de um novo bem, com uma nova característica ou descoberta de novas ideias, características de inovação - as inovações são potencias que movimentam as economias em direção ao desenvolvimento.

Portanto o tema empreendedorismo não é algo novo e tem despertado interesse crescente nos últimos anos de grupos de pesquisas, instituições e acadêmicos, sendo o fenômeno do empreendedorismo bastante antigo e remetem às primeiras invenções humanas, em que se deu a origem aos primeiros processos de negociações. Além disso, o mérito do empreendedor não está em ter uma boa ideia nem na capacidade de ter visão de oportunidades de negócios, mas na sua capacidade de operacionalizar a oportunidade (AIDAR, 2007).

Logo o empreendedorismo é o despertar do indivíduo para o aproveitamento total de suas potencialidades racionais e intuitivas. Promove a busca do autoconhecimento em processo de aprendizado contínuo, em pró de oportunidades para novas experiências e novos paradigmas (BAGGIO; BAGGIO, 2015).

Com foco no comportamento empreendedor, esse se refere ao indivíduo que transforma. Para ele, não existem apenas problemas, mas soluções nos problemas. Então, o empreendedorismo resulta na destruição de velhos conceitos, muitos acreditam que por serem velhos não têm mais a capacidade de superar, surpreender e encantar. A fórmula do empreendedorismo está na mudança, por isto, o empreendedor vê o mundo com novos olhos, com novos conceitos, com novas atitudes e propósitos. O empreendedor é um inovador de contextos (BAGGIO; BAGGIO, 2015).

Quanto ao conceito de empreendedor, para Cantillon (2002), no século XVIII, o empreendedor era representado por comerciantes, manufactureiros ou agricultores que em relação às oscilações da oferta e demandas ajustavam-se ao cenário econômico. Para o economista Jean Baptiste Say, o empreendedor é de suma importância no desenvolvimento econômico, devido a sua junção de capacidades e recursos (GOMES, 2005).

Para Aidar (2007), uma brilhante definição de empreendedor moderno, seria caracterizá-lo como aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos materiais.

E o empreendedor é aquele que promove mudanças, em todos os aspectos a sua volta, principalmente no meio profissional, o mesmo tem o dom de identificar novas oportunidades, Costa, Barros e Martins (2008) destacam as características dos empreendedores, diz que são praticamente as mesmas, dos valores e cultura do empreendedorismo, são trabalhadores incansáveis, correm riscos calculados, sonhadores realistas, líderes, voltados para resultados, trabalham em equipes, controlam o comportamento das pessoas a sua volta, buscam conhecimento, aprendem com seus admiradores. As definições acerca do que é empreendedorismo apontam diversas abordagens e comportamento ou técnica de gestão semelhante (COSTA; BARROS; MARTINS, 2008).

2.3.2 Empreendedorismo feminino

Alguns procuram as diferenças entre o estilo de empreender desenvolvido por homens e por mulheres, outros buscam características de personalidade das empreendedoras, ou até mesmo a explicação para o sucesso obtido por mulheres de negócios (DORNELAS, 2008).

O empreendedorismo feminino vem sendo objeto de vários estudos. Dada à natureza da evolução do papel da mulher na sociedade contemporânea e as peculiaridades associadas à condição feminina, muitas questões importantes despertam para investigação (SERAFIM; TEODÓSIO, 2011).

Segundo a revista mulheres empreendedoras por Osório (2016), muitas vezes a barreira são elas mesmas, por falta de confiança em si, é por isso, que é preciso se trabalhar o lado da autoconfiança das novas empreendedoras para que elas possam dar vazão às suas ideias e iniciativas sem receio de errar. Atualmente elas já representam 53% de todas as iniciativas para abertura de empresas no país.

O Brasil já conta com um contingente de mais de 5,7 milhões de mulheres empreendedoras, o que significa, aproximadamente, 8% da população feminina brasileira. Citar o termo mulheres empreendedoras no Brasil é falar de um grupo

que, mesmo enfrentando dificuldades e preconceitos, não para de crescer, por isto assunto em pauta em diversos estudos. Vale a pena acrescentar por Osório, que no Brasil, 73% são sócias de pequenas e médias empresas, mas se levarmos em consideração as empresas no formato MEI – Micro Empreendedor Individual, esse percentual sobe para 98,5% (OSÓRIO, 2016).

Está crescendo a participação empreendedora, mesmo que nem sempre vinculada a uma ação profissional formalizada, e ainda com pouca ou nenhuma orientação de gestão, minimizando a possibilidade de empoderamento, mas presente e em busca de crescimento (NATIVIDADE, 2009).

As diversas definições de empreendedorismo existentes não fazem distinção de gênero, sendo que as características empreendedoras podem ser encontradas tanto em homens como em mulheres. No entanto, nos dias atuais, é perceptível a massa crescente feminina na população economicamente ativa (PEA), em que 67% correspondem às mulheres que trabalham e colaboram positivamente para a economia informal no Brasil e representam 42% dos empreendedores brasileiros (STROBINO; TEIXEIRA, 2014). Alguns estudos demonstram que as mulheres abrem empresas por diferentes motivos: desejo de realização e independência, percepção de oportunidade de mercado, dificuldades em alavancar na carreira profissional dentro das organizações, por necessidade de sobrevivência de como maneira de conciliar trabalho e família.

Além disso, há o fato de muitas empreendedoras fazerem parte de famílias de empreendedores o que as direciona automaticamente ao empreendedorismo, como se fosse uma cultura de continuidade (STROBINO; TEIXEIRA, 2014). Outro fator é que meio empreendedor se torna atrativo a elas também pelo fato de estarem descontentes com o salário que, na maioria das vezes, são menores que o dos homens, mesmo que com cargos, responsabilidades, atividades iguais aos desempenhados por eles (STROBINO; TEIXEIRA, 2014).

Pode-se dizer que mulher empreendedora é, ao mesmo tempo, singular e histórica. Ela não é determinada pelas condições sociais e históricas, mas é capaz de agregar sua subjetividade na geração de sentidos e significados em seus diferentes sistemas de relação (FERREIRA; NOGUEIRA, 2013).

A revista mulheres empreendedoras diz que é importante discutir a questão dos desafios do empreendedorismo feminino, para que as novas

empreendedoras contem com um ambiente mais favorável às suas iniciativas (OSÓRIO, 2016).

A fim de realizar uma busca sistematizada sobre o estado da arte no Brasil articulando empreendedorismo com as mulheres, foi realizada busca no SciELO - Scientific Electronic Library Online, utilizando a expressão “Empreendedorismo Feminino” que conforme a aparição dos resultados, deu-se a ordem dos trabalhos na integra. Desta pesquisa, foram localizados dez estudos os quais estão sintetizados no Quadro 1.

Quadro 1 - Resultados dos estudos empíricos

Autor e ano	Objetivo geral	Principais resultados alcançados
Machado (2003)	O objetivo neste estudo é analisar o processo de criação de empresas desenvolvidas por mulheres.	O resultado deu-se de 90 indivíduos entrevistados, e concluiu-se que a razão predominante para criar a empresa é a realização pessoal, seguida da visão de oportunidade de mercado e insatisfação no emprego. Predominou um tempo prévio de experiência profissional de nove anos, em média, e a existência de pais como modelos de empreendedores para 41% dos casos. O estudo analisou a opção de mulheres pelo empreendedorismo, a decisão de buscar essa realização numa empresa própria pode ter sido reforçada pelo elevado nível educacional delas, e principal razão foi à realização pessoal.
Jonathan (2005)	Este estudo busca analisar as inquietações e o bem-estar subjetivo de mulheres empreendedoras.	Foi entrevistada quarenta e nove donas de negócios no Rio de Janeiro. Uma medida de auto avaliação mostrou que as empreendedoras compartilhavam uma boa qualidade de vida, baseada principalmente na satisfação com o trabalho, com os filhos e com o auto respeito. Os dados evidenciaram que os múltiplos papéis desempenhados pelas empreendedoras possuem semelhanças. Também as entrevistas revelaram que as empreendedoras são destemidas e autoconfiantes, embora preocupadas com questões financeiras e com o crescimento das empresas. As mesmas são auto realizadas, apaixonadas e identificadas com seus empreendimentos, as empreendedoras se percebem num processo contínuo de conquistas. Dificuldades relativas à discriminação de gênero e à multiplicidade de papéis.
Takahashi; Graeff; Teixeira (2006)	O presente estudo tem por objetivo analisar o perfil das gestoras e também o planejamento estratégico das escolas particulares em Curitiba.	Em relação às gestoras pesquisadas (43%) delas são casadas e (36%) são divorciadas ou viúvas. A faixa etária da maioria das empreendedoras, (36%), está entre os 31 e 40 anos, (21%) têm menos de 30 anos; e (28%) mais de 41 anos. Um alto nível de escolaridade, com (50%) possui pós-graduação ou em andamento, (85%) dos cursos de pós-graduação são relacionados com gestão de escolas, verificou-se que 64% das escolas são familiares e o restante é individual ou com terceiros. No caso das estratégias adotadas por escolas de Curitiba, A) qualidade de ensino e formação para a vida, B) divulgação, C) expansão e crescimento, D) integração, bem-estar, comunicação, E) organização curricular e material didático, F) comprometimento e gestão de pessoas. Quanto ao planejamento estratégico, observou-se que há predomínio de preocupações com a gestão das escolas, não somente no que tange aos aspectos pedagógicos, mas, também, aos aspectos econômico-financeiros e à concorrência existente no setor.
Jonathan (2007)	Este estudo propõe-se a discutir as demandas conflitantes vivenciadas por mulheres empreendedoras, e as estratégias que elas utilizam para enfrentá-las.	Aplicou-se entrevistas, realizadas com donas de negócios próprios revela a existência de três categorias de situações conflituosas, conflitos no espaço do trabalho, conflitos entre demandas familiares e profissionais, conflitos entre demandas do trabalho e pessoais. Para fazer frente às demandas conflitantes, as empreendedoras recorrem principalmente às seguintes estratégias: a auto-organização do tempo, estabelecimento de parcerias e cumplicidade, e uso de dispositivos de alívio de tensão. Também baseadas na literatura sobre empreendedorismo feminino, os dados indicam que as empreendedoras inovam no confronto dos impasses, introduzindo transformações nos contextos familiar, profissional e pessoal.
	O propósito deste trabalho foi estudar a escolha profissional no curso de Administração, as	

Autor e ano	Objetivo geral	Principais resultados alcançados
Penalozza (2008)	tendências empreendedoras e gênero, qual a razão de escolher o curso, e quais as intenções de empreender a partir do estudo em sala de aula, antes mesmo de o empreendimento acontecer. A finalidade também é saber se o almejo das atividades profissionais, e identificar se existe vínculo com o curso.	Aplicou-se um questionário com 370 alunos do curso, (54,6%) mulheres e (45,4%) homens, com faixa etária de 17 á 48 anos. Considerando o gênero, em relação à continuação acadêmica (12,4%) elas e (11,3%) eles, trabalhar em uma empresa privada (24,2%) elas, (23,2%) eles, em relação ao concurso público elas têm maior preferência com (45,5%) elas, e (31,0%) eles. O desejo de abrir seu próprio negócio eles são a maioria com (32,1%) e elas com (14,4%), totalizando ambos (5,9%) não obtiveram respostas. Concluíram que neste estudo os homens têm maior vontade de empreender. Elas em sua maioria optaram pelo concurso público devido à estabilidade profissional, e a opção de curso tem vínculo as atividades que pretendem seguir.
Natividade e (2009)	Analisar como é enfrentada pelas mulheres, a questão de políticas públicas no Brasil. Qual a sua barreira no âmbito econômico quando se trata de empreendedorismo feminino.	Concluiu-se que por meio de avaliar a importância de unificar as políticas públicas, para atentar-se a esse novo cenário crescente da ação empreendedora com recorte de gênero. Observou-se a forte participação feminina na motivação de empreendedorismo por sobrevivência, cabe ressaltar a importância de programar políticas públicas que tenham reflexo nos negócios, a partir de um ponto de vista que eles possam vir a ser agentes de transformação e de melhoria continua na economia brasileira. Novas parcerias precisam ser firmadas e o atendimento ampliado, proporcionando condições e criando ambientes favoráveis para estimular as mulheres a dar continuidade a seus projetos, é necessário a promover a inserção autônoma no mundo do trabalho.
Jonathan (2011)	Trata-se da relação da mulher com o poder, relacionadas ao empreendedorismo feminino. Analisa os desafios da escolha do empreendedorismo, quais suas motivações, as consequências, as dificuldades e as estratégias utilizadas para lidar com as demandas vinculadas à multiplicidade dos papéis femininos.	Aplicou-se um teste que revela características empreendedoras, e conclui-se que elas tendem a construir relacionamentos sociais e a exercer o poder com os outros e não sobre os outros, e no comando de seus empreendimentos sociais, evidencia-se que as mulheres exercem o poder em prol de mulheres, com o objetivo de empoderá-las e promover sua inclusão profissional e social. Elas provocam significantes mudanças sociais, econômicas e culturais. O perfil pessoal das empreendedoras pesquisadas neste estudo são mulheres madura em média dos 45 anos, alto grau de escolaridade, casadas em sua maioria, com filhos e em média dois filhos, dedicam cerca de 10 horas diárias para seus negócios. Gerenciam na maioria das vezes pequenas empresas. As dificuldades estão relacionadas ao alto custo de impostos, créditos, etc., e também a conciliação das atividades. A escolha de se tornar empreendedora em alguma das vezes devido ao momento inoportuno do mercado de trabalho. Existe a discriminação, empecilhos associados à dupla jornada. O que promove estas é a auto realização, e a independência.

Autor e ano	Objetivo geral	Principais resultados alcançados
Vale, Serafim e Teodósio (2011)	O presente trabalho teórico-empírico propõe-se analisar, no contexto de uma metodologia quantitativa, o processo de criação de empresas de mulheres, comparando-o com o dos homens, a respeito à influência da imersão e das redes sociais no processo empreendedor.	<p>Existem diferenciações tanto na natureza da imersão como na maneira como as mulheres utilizam as redes na construção de seus empreendimentos. As mulheres recorrem relativamente mais a laços mais próximos, para suporte. Os problemas sentidos por mulheres e homens no dia a dia da condução dos negócios são muito parecidos. Destaca-se, entre eles, a forte concorrência, a carga tributária elevada, a dificuldade de obter mão de obra qualificada etc. Existem semelhanças em relação à compreensão de ambos sobre os fatores importantes para a criação de um negócio. Destacam-se os contatos, relacionamentos na área, o conhecimento de gestão de negócios, o conhecimento técnico na área e a presença de capital próprio. O motivo por qual resolveram empreender são diferentes.</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Influência de outra pessoa (21% feminino, 7% masculino); ✓ Desemprego (10% e 1,8%); ✓ O motivo identificação de uma oportunidade (34% e 50% eles); ✓ As mulheres valorizam a possibilidade de ter um bom administrador (47,6% e 34,8% eles); ✓ Os homens valorizam os fatores conhecimento do mercado (39,7% e 67,8% eles); ✓ Acesso a novas tecnologias (9,5% e 26% dos homens) <p>Isso levantaria a possibilidade de as mulheres serem mais conservadoras no mundo dos negócios ou, então, estarem associadas a empreendimentos mais tradicionais, onde o impacto da inovação poderia ser menor.</p>
Ferreira e Nogueira (2013)	Por meio da pesquisa procura-se validar o conhecimento a respeito do fenômeno empreendedorismo feminino, não deve haver expectativa de alcance da essência do fenômeno, mas de momentos de inteligibilidade sobre o empreendedorismo e a condição de ser mulher e empreendedora.	Resultou-se de uma pesquisa semiestruturada com três mulheres empreendedoras, cada uma delas, sem perceber é parte de um fenômeno social. Ao terem atitudes de forma empreendedora constroem suas identidades, quebram alguns padrões e reforçam outros. Por meios dos relatos, percebeu-se que o fenômeno empreendedorismo é decorrido pelas transformações da vida. Da mesma forma com que o empreendedorismo é afetado pela trajetória de vida dos indivíduos, ele afeta na vida dinâmica familiar. A partir do relato das mulheres, percebe-se que, prevalece, ainda, na sociedade brasileira, é uma visão naturalizada dos gêneros. Em todos os relatos, elas se referiam à mulher como tendo características específicas peculiares do ser mulher, um ônus a ser carregado. No entanto, em todas as trajetórias investigadas, o que se pode perceber é que as mulheres envolvidas não estavam engajadas em fazer gênero de forma consciente. As empreendedoras desta pesquisa estão constantemente se firmando como protagonistas de sua própria história.
Strobino e Teixeira (2014)	Objetivo foi avaliar e apresentar os conflitos trabalho-família percebidos por duas empresárias da cidade de Curitiba, por meio de um estudo multi-casos.	A pesquisa apontou um aumento significativo de conflitos entre trabalho e família, ao não ter apoio da família, e devido à não definição do horário de trabalho, justamente à liberdade e à flexibilidade encontradas pelas mulheres empreendedoras. Por terem um horário flexível de trabalho, essas mulheres misturaram horários de atividades domésticas com profissionais, por serem donas dos próprios negócios, envolveram-se intensamente com o trabalho, dedicando-lhe muitas horas, pois se sentem responsáveis pelo sucesso ou fracasso do empreendimento, no entanto satisfeitas.

Fonte: Elaborado pela acadêmica.

Embora os trabalhos apresentados no Quadro 1 tratem de empreendedorismo feminino, cada um deles resulta em dados diferentes, todos interessantes e de suma importância para o espelhamento e continuação do estudo. O mesmo proporciona aquilo que vai além da literatura, trazendo dados primários, sendo assim oportunizando conhecer o perfil e as características das empreendedoras entrevistadas nestes estudos.

É importante destacar os relatos de maior relevância encontrados nos trabalhos analisados, por isto, em seguida estão os fatos importantes de cada um.

O trabalho de Machado (2003) que encontrou a razão predominante da iniciativa de criação do próprio negócio, é a realização pessoal, em seguida a oportunidade de mercado e insatisfação no emprego. No estudo da Jonathan (2005), elas aparentemente estão satisfeitas, com qualidade de vida e realizadas, o que é difícil de encontrar nos trabalhos que tratam de empreendedorismo feminino, são apaixonadas e destemidas no que fazem, porém encontram discriminação de gênero.

Neste trabalho ficou claro que há predomínio de preocupações com a gestão das escolas, não somente no que tange aos aspectos pedagógicos, mas, também, aos aspectos econômico-financeiros e à concorrência existente no setor Takahashi, Graeff e Teixeira (2006).

Jonathan (2007) aplicou entrevista com mulheres de negócios e chegaram a três situações conflituosas como, conflitos no espaço do trabalho, conflitos entre demandas familiares e as profissionais. No oitavo trabalho analisado destacou-se que as gestoras são altamente preparadas correlação ao conhecimento, em sua maioria com alto nível de escolaridade, e negócios familiares.

O quinto é Natividade (2009) que há relatos da forte participação feminina no empreendedorismo por sobrevivência, e também é preciso proporcionar melhores condições para elas dar continuar no trabalho empreendedor. No estudo de Penaloza (2008), foi realizado um levantamento com homens e mulheres e revelou que os homens têm maior interesse em empreender e as mulheres em sua maioria optam pela estabilidade profissional como concursos públicos.

Na pesquisa de Vale, Serafim e Teodósio (2011), as mulheres geralmente recorrem a laços mais próximos para suporte, e relatam as dificuldades e semelhanças encontradas nos entrevistados como a concorrência, a carga tributária

elevada, e também dizem que é muito importante inicialmente quando se tem contatos. Na investigação da Jonathan (2011), elas são altamente engajadas na inclusão de outras mulheres no ambiente social e profissional, sendo assim, promovendo o empoderamento.

No estudo analisado, percebe-se que os resultados são claros, elas não têm apoio familiar e também acaba deixando de lado este ambiente, para dar maior atenção ao trabalho, devido ao planejamento do tempo, acaba consequentemente acontecendo à junção destes. Ficou evidente que elas são protagonistas de sua história, mas que também existe uma visão naturalizada dos gêneros, mesmo assim, elas não estão interessadas em fazer gênero de forma consciente (FERREIRA E NOGUEIRA 2013).

No último percebe-se o aumento significativo de conflitos entre trabalho e família, ao não ter apoio da família, e devido à não definição do horário de trabalho, justamente à liberdade e à flexibilidade encontradas pelas mulheres empreendedoras. Por terem um horário flexível de trabalho, essas mulheres misturaram horários de atividades domésticas com profissionais, por serem donas dos próprios negócios, envolveram-se intensamente com o trabalho, dedicando-lhe muitas horas, pois se sentem responsáveis pelo sucesso ou fracasso do empreendimento, no entanto satisfeitas (STROBINO E TEIXEIRA, 2014)

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Segundo Guedes (2000), a metodologia significa um estudo dos artifícios, processos, métodos para obter determinado fim. Para Lakatos e Marconi (2010), a metodologia possui métodos ligados a sistemáticas e lógicas, proporcionando o alcance dos objetivos para conseguir informações apuradas e apresentando caminhos para serem seguidos, com o intuito de obter resultados os mais confiáveis possíveis.

Neste capítulo, são apresentadas, primeiramente, as escolhas acerca da classificação da pesquisa; na sequência, o local e a população do estudo de caso; os planos de coleta e análise dos dados.

3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Utilizou-se a abordagem de pesquisa qualitativa, cuja finalidade não é mostrar opiniões ou pessoas, o objetivo é explorar o espectro de opiniões e as diferentes representações sobre o assunto em estudo (MICHEL, 2015).

Optou-se pela pesquisa de natureza descritiva. Segundo Andrade (2006), neste tipo, os fatos são analisados, registrados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles, ou seja, deve ser estudado e não manipulado pelo investigador. O autor afirma também que uma característica da pesquisa descritiva é a técnica padronizada da coleta de dados, realizada por meio de entrevistas, questionários e observação.

Com relação ao tempo de coleta de dados, fez-se um estudo corte-transversal, uma vez que os dados coletados cobrem determinado momento no tempo, e não tratam da evolução do fenômeno estudado ao longo do tempo.

O método de estudo de caso supõe que se pode adquirir conhecimento do assunto estudado a partir da exploração detalhada de um único caso. O estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade como um todo, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos. O estudo de caso reúne o maior número de informações, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de apreender a totalidade de uma

situação e descrever a complexidade de um caso concreto (GOLDENBERG, 2004).

Com relação aos dados, foram utilizados dados primários, os quais, segundo Michel (2015), são aqueles chamados de primeira mão, ou seja: os que têm o primeiro acesso a esta informação coletada. Isto é: são dados fornecidos com fim específico da pesquisa em andamento.

3.2 LOCAL E POPULAÇÃO DA PESQUISA – ESTUDO DE CASO

A pesquisa foi realizada na Associação Empresarial de Criciúma (ACIC), localizada na cidade de Criciúma – SC, com foco na Câmara da Mulher Empresária.

A população foi composta pelas empreendedoras que compõe o núcleo da Câmara da Mulher Empresária de Criciúma ACIC, a qual, conforme dados secundários coletados no site oficial da ACIC, trata-se de onze mulheres envolvidas na Câmara.

Em razão do acesso a essas mulheres empreendedoras e, também, em função do tempo destinado a esta etapa da pesquisa, a amostra foi composta por três empreendedoras.

3.3 PLANO DE COLETA DE DADOS

Foram realizadas entrevistas com três mulheres da Câmara da Mulher Empresária serão realizadas na Própria ACIC, no período de 24 a 30 de abril deste ano, utilizando o roteiro apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 - Roteiro estruturado da entrevista

- Você pode me contar sobre a sua trajetória como empresária?
 - Motivos que levaram você a empreender? (estabilidade financeira, realização pessoal)
 - Iniciaram na área empreendedora por meio familiar para dar continuidade, ou por escolha?
 - Como foi o processo decisório acerca do ramo de atuação?
 - Qual era o seu grau de conhecimento prévio sobre a atividade que desenvolve hoje?
 - Quais foram às consequências da opção empreendedora? (mudança de cidade, separação conjugal, pouco tempo para a família, filhos a idade antiga)
 - Você tem apoio familiar nas suas decisões?
 - Quais as dificuldades que você encontrou e encontra para empreendedor em seu negócio?
 - Como você se sente como empreendedora no mercado de trabalho? (confiante, otimista, comprometida, apaixonada, interativa)
 - Quais as suas características como empreendedora? (liderança, controladora, corre riscos)
 - Como é o seu relacionamento com os seus colaboradores? (hierarquizado, sem hierarquia).
 - Você promove algum ato/evento social? (promover a inclusão feminina e empoderar e apoiar a população feminina, fomentar o desenvolvimento das mulheres)
- Em sua opinião, quais os motivos que levam as mulheres ao empreendedorismo?
- Perfil:
 - Idade:
 - Escolaridade (graduação, pós, mestrado, doutorado):
 - Área de graduação:
 - Carga horária dedicada ao trabalho:
 - Estado civil:
 - Número de filhos:
 - Se o rendimento da empreendedora é responsável pela manutenção da casa (%):
 - Qual é a área ou ramo de trabalho empreendido pela administradora?

Fonte: Elaborado pela acadêmica.

3.4 PLANO DE ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados se deu qualitativamente considerando as características correspondentes aos dois eixos elaborados a partir do estudo de Jonathan (2011).

Quadro 3 - Características empreendedoras localizadas por Jonathan (2011)

Eixos analisados	Questões norteadoras	Características empreendedoras
I - Sobre o desafio de escolher o empreendedorismo	Motivação das mulheres para empreender	<ul style="list-style-type: none"> - Estabilidade financeira - Realização pessoal - Potencializar o conhecimento pessoal e profissional - Desafiador - Capacidade de decisão - Independência
	Consequências dessa opção	<ul style="list-style-type: none"> - Separação conjugal - Mudança de cidade - Filhos a idade antiga - Pouco tempo para a família - Múltiplas responsabilidades
	Dificuldades enfrentadas pelas empreendedoras	<ul style="list-style-type: none"> - Empreender no Brasil (formalização, impostos) - Burocracia - Crédito, serviços financeiros - Empecilhos associados à dupla/tripla jornada de trabalho - Discriminação - Barreiras devido o gênero
II – Sobre o exercício do poder pelas empreendedoras	Características de liderança no empreendedorismo feminino	<ul style="list-style-type: none"> - Comprometidas com seus empreendimentos - Apaixonadas - Otimistas no exercício da liderança - Condição feminina tende a ser valorizada pelas empreendedoras - É forte a presença de mulheres trabalhando nos seus empreendimentos - Constroem bons relacionamentos - interativa - Trabalham junto sem hierarquia
	Empoderamento de mulheres e as mudanças sociais observadas no empreendedorismo social feminino	<ul style="list-style-type: none"> - Empreendedoras sociais empoderam a população feminina - Apoiam emocionalmente, promovem diretamente sua inclusão social e profissional delas - Resgate da autoestima - Assistência - Fomentam o desenvolvimento pessoal, profissional das mulheres

Fonte: Jonathan (2011).

Com relação ao objetivo específico: Articular as características empreendedoras das entrevistas com a abordagem da divisão sexual do trabalho, a análise se deu conforme a abordagem da divisão sexual do trabalho de (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Nas apresentações, as empresarias entrevistadas são identificadas por ordem de realização das entrevistas: sendo entrevistas 1, 2 e 3.

3.5 SÍNTESE DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na Figura 2, é possível identificar qual foi o tipo de abordagem deste trabalho, tipologia, e também qual o meio de investigação adotado.

Figura 2 - Síntese dos procedimentos

Objetivos específicos	Abordagem	Tipologia	Meio de Investigação	Dados	Técnicas	
					Coleta	Análise
Traçar o perfil das pesquisadas	Qualitativa	Descritiva	Pesquisa de campo	Primários	Entrevista	Características empreendedoras localizadas por Jonathan (2011)
Verificar os motivos e desafios que levaram as mulheres ao empreendedorismo						
Identificar as consequências em razão de terem-se tornado empreendedoras						
Dificuldades enfrentadas pelas Empreendedoras						
Levantar as características de liderança das pesquisadas						
Identificar se empreendedoras apoiam o empoderamento de mulheres						
Articular as características empreendedoras das entrevistas com a abordagem da divisão sexual do trabalho						Novas configurações da divisão sexual do trabalho Hirata e Kergoat (2007)

Fonte: Elaborado pela acadêmica.

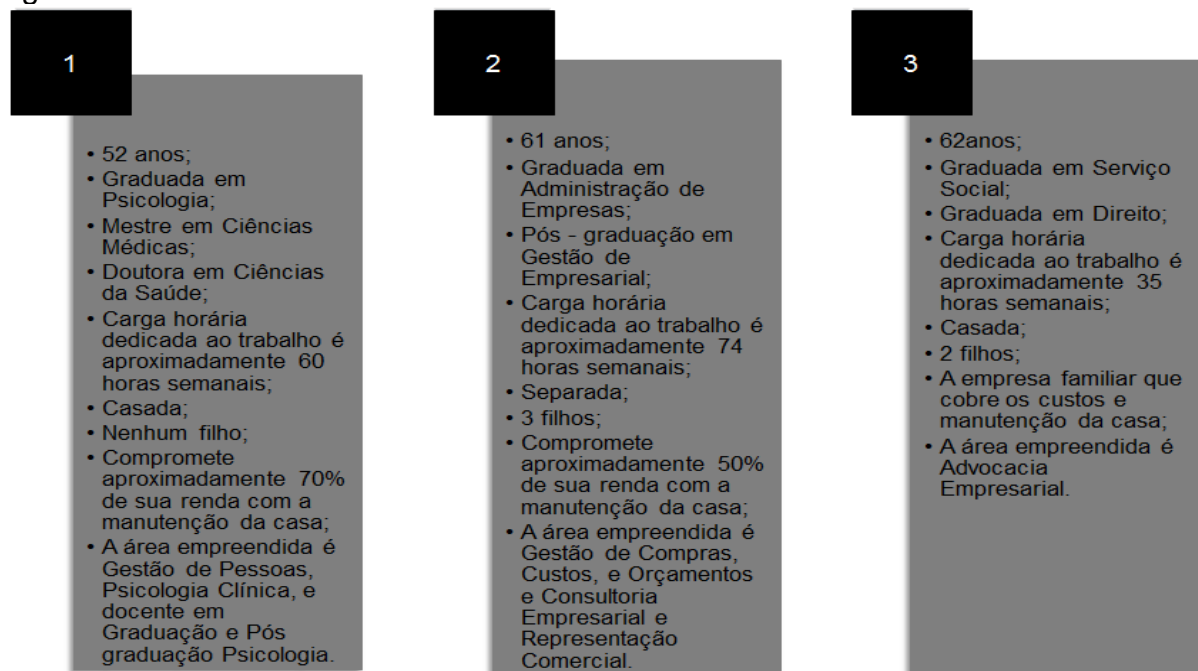
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Na seção 4.1, apresentam-se os perfis das participantes desta pesquisa; na seção 4.2, em sua primeira subseção, são apresentados os resultados referentes aos motivos e desafios que levaram as mulheres ao empreendedorismo, as consequências em razão de terem-se tornado empreendedoras, e as dificuldades enfrentadas por elas. Na subseção seguinte – 4.2.2 – explicitam-se as características de liderança das pesquisadas, empoderamento e mudanças sociais. Na seção 4.3, expõem-se a articulação das características empreendedoras das entrevistas com a abordagem da divisão sexual do trabalho.

4.1 PERFIS DAS EMPREENDORAS

Percebe-se que as empreendedoras são mulheres maduras e são protagonistas das suas histórias. Hoje no auge de suas carreiras, ambas têm o objetivo de empoderar outras mulheres. Apesar disso, suas histórias são distintas, quanto à questão profissional e pessoal, atualmente ambas estão estabilizadas, e tiveram sucesso na trajetória como empreendedora. Apresenta a Figura 3.

Figura 3 - Perfil das entrevistadas



Fonte: Elaborado pela acadêmica.

Percebe-se que existem alguns aspectos semelhantes entre as empreendedoras. Quanto à idade, são próximas em média 58 anos, são mulheres que têm alto conhecimento, com um histórico escolar relevante. Elas dedicam grande parte do seu tempo para o trabalho, boa parte da remuneração é destinada a manutenção de casa, em exceção, a entrevistada de número três que não tem esse dado específico.

Uma situação totalmente distinta é a área empreendida por elas, uma em cada área: Gestão de Pessoas, Gestão Financeira e Direito Empresarial. Em relação à constituição de filhos, duas das entrevistadas tiveram mais de um, a entrevistada número um, optou por não ter, devido à consequência da opção.

4.2 CARACTERÍSTICAS EMPREENDEDORAS ENTREVISTADAS

Esta seção apresenta os motivos, desafios, consequências e dificuldades das empreendedoras em sua caminhada profissional. Também são expostas as características de liderança das entrevistadas. Essa abordagem foi baseada no estudo da Jonathan (2011), cujos achados foram segmentados em dois eixos – Quadro 3 – I: desafio de escolher o empreendedorismo, e II: exercício do poder pelas empreendedoras, os quais foram seguidos para a apresentação dos resultados.

4.2.1 Eixo 1: Desafio de escolher o empreendedorismo - motivos, desafios, dificuldades e consequências

Inicialmente, percebeu-se que os motivos que levaram as mulheres investigadas ao empreendedorismo foram distintos: desde a realização pessoal, a responsabilidade social, desligamento da empresa, as necessidades do mercado, desejo de dar continuidade do trabalho, e agregar com a atividade que o marido já desenvolvia. "Resolvi empreender por muito mais realização pessoal e, claro, também a questão de responsabilidade social." [E1]; "Eu fui demitida e não queria ser mais empregada, então montei uma empresa." [E2]; "Eu resolvi fazer a advocacia [...] para trabalhar com o marido." [E3].

Captou-se que algumas empresárias iniciaram na carreira empresarial por motivos pessoais, e ou familiares, uma delas iniciou por influência familiar, porque já

tinha o negócio montado e para ajudar na demanda, também contribuir para o crescimento do negócio, ela resolveu se especializar e trabalhar junto. A investigada de número um, e dois, foi por uma questão pessoal, devido à necessidade e independência, ou por simplesmente almejar a vida empreendedora. “Foi uma escolha minha ser empreendedora” [E1]; “Para dar continuidade no trabalho [...] eu achei melhor ficar junto, desenvolver uma atividade junto, e a gente crescer e aumentar o escritório” [E3],

Quanto à decisão do ramo de atuação, as investigadas tiveram percepções diferentes, inicialmente uma das entrevistadas percebeu que existia uma deficiência da área de recursos humanos e fazia gosto dela, portanto, seria um desafio mudar a concepção das pessoas, e mudar a cultura organizacional naquele momento, outra optou pelo conhecimento e experiência que adquiriu ao longo do tempo na empresa a qual trabalhava, também gostava da atividade que desenvolvia, e para complementar foi demitida, aonde possibilitou a visão para o mercado, junto à necessidade de trabalhar, foi que juntou as informações e iniciou sua carreira empresarial, observando o cenário, e a situação, percebeu que era verdadeiramente um desafio. A entrevistada três optou pela vantagem de ter uma empresa familiar, e buscou especialização na área para agregar junto ao marido. Acredita que não teria desafios, a não ser a busca pelo conhecimento, com certa idade, mas contribuiria para o trabalho do marido, sendo assim, se beneficiando. “Comecei a perceber que tinha uma lacuna na área de gestão de pessoas [...] também identificação e realização, eu senti que me realizava cuidar das pessoas” [E1]; “eu trabalhava na empresa na área de administrativa, na área de compras [...] a gente pensou montar essa assessoria e consultoria nessas áreas” [E2]; “Para mim era mais vantajoso ficar com ele do que na empresa” [E3].

É de suma importância destacar o conhecimento que elas tinham quando tomaram a decisão de iniciar na carreira empreendedora e também quanto à atividade que desenvolvem atualmente, ou desenvolviam. É nítido que estas mulheres têm um vasto conhecimento em suas atividades, são empresárias cultas e tem as mesmas percepções quanto ao conhecimento que adquiriram, também vale a pena ressaltar que buscam qualificação contínua. “Acredito que era bastante qualificada (...) procuro sempre fazer atualização, tenho uma qualificação bem ampliada” [E1]; “já tinha conhecimento por trabalhar na empresa como empregada

na área que abri a consultoria e assessoria e procurei outras capacitações” [E2]; “já vivenciava isso [...] participava dos cursos [...] eu vivia muito direito, então eu resolvia fazer” [E3].

Cappelle, Melo e Brito (2004) defendem que as modificações nos papéis sociais femininos e masculinos vêm abalando os quadros de referência que direcionam as relações de gênero e, conseqüentemente, os aspectos sociais. E ainda afirmam que a crescente inserção feminina nas organizações tem alterado o comportamento das pessoas nas relações de trabalho. As mulheres estão conquistando espaço em muitas atividades, mas, mesmo com melhores níveis de escolaridade que os homens, ainda recebem menos e têm menores oportunidades de crescimento nas organizações.

Na situação atual, sabe-se que para empreender existem muitos empecilhos e dificuldades, as quais também foram encontradas pelas investigas neste estudo. Como foi citado, existe uma carência de apoio para projetos organizacionais, são cobrados muitos impostos, muitas leis que desabilitam um empreendimento, como questões trabalhistas, sindicais que dificultam para os empresários, há relatos que se fosse mais seguro poderia estar empreendendo mais, também a questão de aceitação no mercado de trabalho, a credibilidade, porque a mulher precisa provar que é capaz de tal atividade, é preciso de referência para conseguir uma oportunidade porque nem sempre é por mérito do conhecimento e experiência, existe também discriminação no meio empresarial. Em exceção uma das empresarias relatou que não sentiu nenhuma dificuldade justamente por já estar envolvida em uma empresa familiar. “Muitos impostos [...] a gente poderia estar empreendendo mais se fosse seguro” [E1]; “primeiro é a aceitação [...] Tu tens que provar que tu és capaz” [E2]; “não existiu dificuldade porque o escritório já estava montado” [E3].

Tais questões de gênero levam à desigualdade entre mulheres e homens tanto na esfera privada quando na pública. Analisa-se que, apesar das transformações dos papéis das mulheres e dos homens, em meio familiar - privado, quanto no meio de trabalho - público, ainda existe e é visível o desequilíbrio entre o masculino e o feminino em vários aspectos (CALÁS; SMIRCICH, 1996).

Normalmente para conseguir e escalar uma carreira de sucesso profissional e pessoal é necessário o apoio da família, acontece que nem sempre

elas podem contar com esta ajuda, e então acaba que este caminho fique um pouco mais carregado e cansativo, é necessário ter muita coragem e persistência para conseguir alcançar os objetivos, que uma vez almejado. “Sempre tive apoio familiar, nestes últimos momentos, eles estão dizendo para mim veja bem, dá uma analisada que está difícil” [E1]; “No começo não tinha apoio, foi muito difícil no início com a família, principalmente com o marido meu casamento encerrou porque ele não aceitou a escolha, pelo próprio fator de eu ter certa independência” [E2]; “tenho muito apoio familiar” [E3].

Juntamente a escolha da carreira empreendedora vem às consequências que nem sempre prazerosas e positivas, existem também aquelas que são dolorosas, que acabam acontecendo naturalmente neste processo. Inicialmente as empreendedoras novamente tiveram alguns resultados semelhantes, e outros bem distintos, como por exemplo, a separação conjugal e não ter filhos, ou ter filhos com idade avançada, as três relatam não ter tempo para a família, uma entrevistada foi no início da trajetória, e outras até hoje a situação é presente no cotidiano. “Uma delas é não pode ter filhos” [E1]; “casamento encerrou porque ele não aceitou a escolha” [E2]; “pouco tempo disponível para a família” [E3].

Percebe-se, portanto, que as empresárias estão engajadas em suas atividades, por diversos motivos, um deles é que existem fatores externos incontrolláveis. É de suma importância estar firme no objetivo por qual iniciaram. As opiniões se dividem, principalmente quando se trata do mercado atual, é um desafio para qualquer um, duas delas concordam que existe uma barreira que impede o crescimento de empreendedores, que dificultam a entrada de outros, os que já estão muitas vezes ficam estagnadas, porque não tem o apoio necessário para dar continuidade no trabalho que iniciaram com o propósito de crescer.

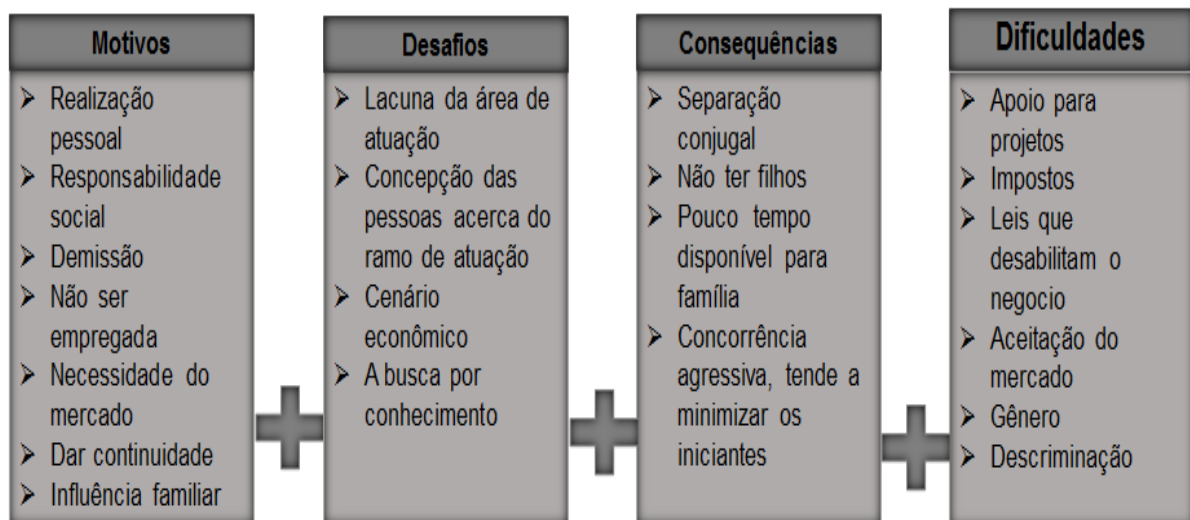
Ainda existe a concorrência que é muito agressiva que tende a minimizar o sucesso dos empresários iniciantes. Ser empreendedor atualmente é muito difícil. É preciso saber que ao entrar neste mercado, inicia-se uma enxurrada de consequências positivas e negativas.

É necessário ter garra e persistência e ser muito apaixonada pelo que faz. Já para a terceira empresária é diferente, é otimista com o mercado e afirma que a situação momentânea é ótima. “As empresas estão muito debilitadas financeiramente [...] para ser empreendedor hoje tem que ser muito guerreiro, é

muito difícil” [E1]; “O mercado ele é muito agressivo as concorrências [...] é uma luta muito grande” [E2]; “a situação momentânea é ótima” [E3]. A Figura 4 apresenta a síntese das características empreendedoras apresentadas nesta seção.

Almeida, Antonialli e Gomes (2011) asseguram atributos como proatividade, dinamismo, capacidade de planejamento e de inovação, habilidade de lidar com pessoas, espírito de liderança entre outros fatores têm-se revelado fundamentais na busca de diferenciação e competitividade no mercado. Essas características são muito presentes na forma de trabalhar das mulheres e não se pode deixar de reconhecer que elas estão no mercado de trabalho para crescerem e isso tem ocorrido, com o passar do tempo. Os autores enfatizam que as mulheres estão abrindo organizações a uma taxa duas vezes maior do que os homens.

Figura 4 - Síntese das características das empreendedoras entrevistadas



Fonte: Elaborado pela acadêmica.

Percebe-se que as características empreendedoras apresentadas na Figura 4 se somam para fazê-las escolher ser empreendedoras. Ou seja: elas, em sua maioria, são materializadas nas três pesquisadas. No estudo da Jonathan (2011), pode-se dizer que os resultados achados são coincidentes com este estudo. Por exemplo, os motivos que levaram ao empreendedorismo, a realização pessoal, o fato de não querer ser empregada e a tão almejada independência.

Os desafios que elas tiveram ao longo da trajetória são semelhantes, como o cenário econômico, muitos impostos, e as consequências desta opção, no estudo da Jonathan (2011), ficaram claro que as pesquisadas enfatizaram as

consequências positivas como a satisfação pessoal, neste estudo, as investigadas dão maior peso para as consequências negativas, bem como: não ter tempo para família, porque desenvolve múltiplos papéis. São diversos os obstáculos para empreender no Brasil.

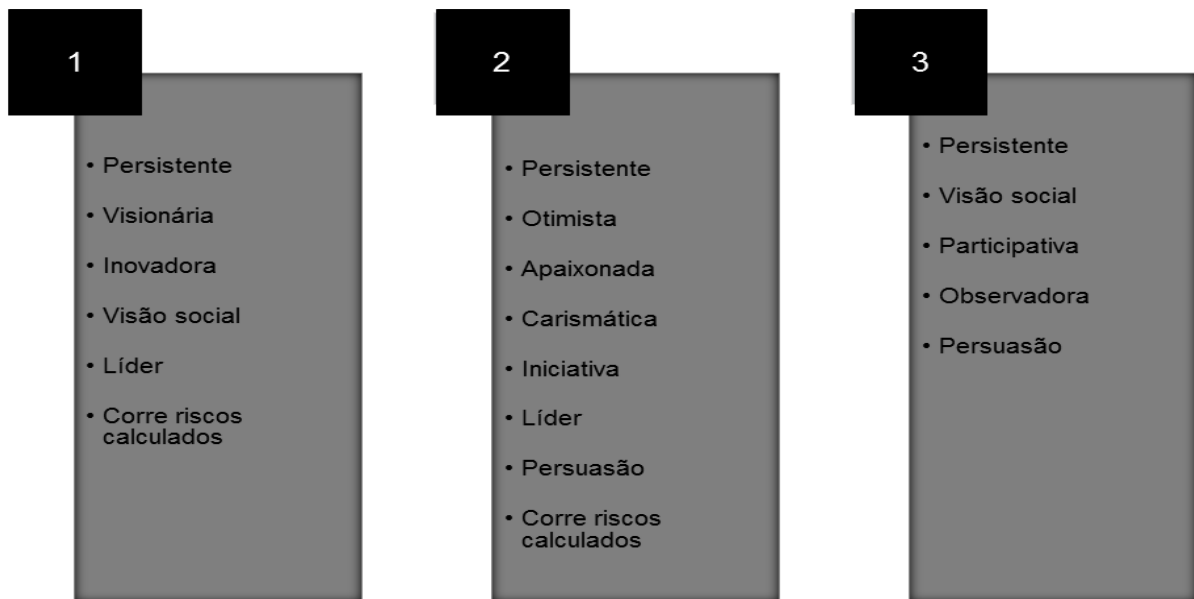
4.2.2 Eixo 2: Exercício do poder pelas empreendedoras - características de liderança, empoderamento e mudanças sociais

Quanto às características como empreendedoras, pode-se dizer que elas têm muitas características semelhantes, ambas tiveram muita persistência na sua trajetória de vida, atualmente bem-sucedidas, foram protagonistas das suas histórias. Todas as características identificadas contribuíram para o sucesso empresarial. “Sou muito persistente, visionária, uma pessoa que quer inovar, que pensa no social, no agregar para a cidade para as pessoas, para os profissionais. Corro riscos calculados” [E1]; “adoro correr riscos, sou muito otimista [...] muito persistente [...] apaixonada, eu tenho iniciativa, eu tenho carisma, eu sei conquistar as pessoas” [E2]; “eu tenho um espírito não de liderança mais participativa, e comunitária” [E3].

O Brasil já conta com um contingente de mais de 5,7 milhões de mulheres empreendedoras, o que significa, aproximadamente, 8% da população feminina brasileira. Citar o termo mulheres empreendedoras no Brasil é falar de um grupo que, mesmo enfrentando dificuldades e preconceitos, não para de crescer, por isto assunto em pauta em diversos estudos. Vale a pena acrescentar por Osório, que no Brasil, 73% são sócias de pequenas e médias empresas, mas se levarmos em consideração as empresas no formato MEI – Micro Empreendedor Individual, esse percentual sobe para 98,5% (OSÓRIO, 2016).

A Figura 5 apresenta as características específicas de liderança.

Figura 5 - Características de liderança das empreendedoras



Fonte: Elaborado pela acadêmica.

Essas características contribuíram para delegar com excelência seus subordinados, atributos que colaboraram para o relacionamento deles. As investigadas relataram ter bom convívio com seus parceiros, são participativas e posicionadas, transmitem confiança, motivam e influenciam para o crescimento pessoal, existe um coleguismo, assim como tudo é colaboração para efetivar um trabalho produtivo e prazeroso. “Eu me posiciono, outros momentos eu ouço, sou bem participativa, tem vezes que ponho a mão na massa” [E1]; “Todos confiavam em mim [...] poder de influência que eu tinha sobre eles” [E2]; “Existe um coleguismo muito grande [...] é colaboração” [E3].

Essas empresárias são também voltadas para o ambiente social, estão engajadas em projetos sociais que apoiam a população e promovem a inclusão feminina, fomentam o desenvolvimento de outras mulheres. Em seus projetos que lideram ou participam, estas geram o empoderamento feminino. “Procuro sempre fazer essa ponte” [E1]; “Faço parte da câmara da mulher empresária, e agora eu estou na comissão dos direitos da mulher” (E2); “É realmente fazer com que essas mulheres despertem para seu potencial de participação na sociedade” (E3).

Nesta pesquisa, foram investigadas três empresárias de Criciúma, mulheres atualmente bem-sucedidas, com suas carreiras estabilizadas. É curioso o resultado que, ao se tratar do motivo que levaram as mulheres ao empreendedorismo, as opiniões delas são semelhantes, as três afirmaram que é a independência, seguido a realização pessoal. “Ser mais independente” [E1]; “É a

autonomia, credibilidade, realização pessoal” [E2]; “O que leva as mulheres ao empreendedorismo é a satisfação pessoal” [E3].

É interessante comparar com o estudo da Jonathan (2011). As investigadas da Jonathan (2011) se dedicam a construir bons relacionamentos internos e externos, que é uma forma de exercer a liderança. Baseadas em relações afetuosas e respeitadas, as empreendedoras exercem uma liderança participativa, pautada pela ética, sinceridade e confiança.

Dessa forma, fica evidente que a liderança das empreendedoras se caracteriza com uma visão socializada e de cooperação. Neste caso, pode-se dizer que os resultados desta pesquisa ratificam os achados de Jonathan (2011).

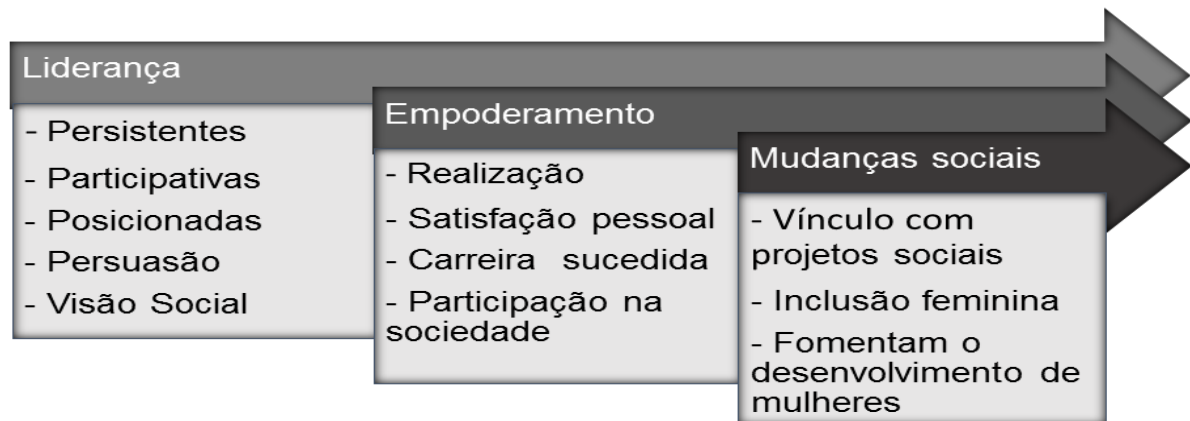
Tratando-se de empoderamento, as empreendedoras da Jonathan (2011) são voltadas para o empreendedorismo social, igualmente as empresárias deste estudo as quais proporcionaram apoio emocional, resgate e fortalecimento da autoestima das mulheres. Portanto, analisam-se os resultados, e eles sugerem que são também empreendedoras sociais as quais promovem a inclusão social e profissional. Para acrescentar, estas estão provocando elas para futuramente também dar continuidade neste trabalho de empoderamento, o movimentando está alcançando várias mulheres para essa carreira empreendedora, sendo assim consequentemente causam as mudanças sociais no meio em que estão inseridas. Elas sabem das barreiras que enfrenaram nesta trajetória, provem esses atos afim de contribuir para o futuro.

Está crescendo a participação empreendedora, mesmo que nem sempre vinculada a uma ação profissional formalizada, e ainda com pouca ou nenhuma orientação de gestão, minimizando a possibilidade de empoderamento, mas presente e em busca de crescimento (NATIVIDADE, 2009).

Segundo a revista mulheres empreendedoras por Osório (2016), muitas vezes a barreira são elas mesmas, por falta de confiança em si, é por isso, que é preciso se trabalhar o lado da autoconfiança das novas empreendedoras para que elas possam dar vazão às suas ideias e iniciativas sem receio de errar. Atualmente elas já representam 53% de todas as iniciativas para abertura de empresas no país.

A Figura 6 apresenta a síntese das características discutidas nesta seção.

Figura 6 - Síntese das características empreendedoras das entrevistadas



Fonte: Elaborado pela acadêmica.

A Figura 6, além de apresentar as características, explicita, por meio das flechas, o fato de se acreditar que a liderança leva ao empoderamento das mulheres estudadas, e essa emancipação individual dá acesso às mudanças sociais.

4.3 AS CARACTERÍSTICAS PELO OLHAR DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

Nesta seção, buscou-se articular as características empreendedoras das entrevistadas com a abordagem da divisão sexual do trabalho, segundo (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Com relação ao **Eixo 1 - sobre o desafio de escolher o empreendedorismo** e os fatores relacionados aos motivos e desafios, consequências e dificuldades enfrentadas pelas empreendedoras – apresentadas na Figura 4. Ao analisar os fatores que levaram as mulheres a escolherem o empreendedorismo, percebe-se o desejo de elas estarem na dimensão pública, cuja motivação e desafios se deram por motivos diversos, mas que levam ao objetivo comum de contribuir financeiramente em casa, mas também a própria realização pessoal mulher. Esse fator é confirmado pelos dados do perfil das entrevistas, em que duas delas – 70 e 50% - têm grande parte do seu rendimento comprometido com as despesas da casa. Então, embora a remuneração da mulher seja tida como auxílio a manutenção da família, ela contribui substancialmente a isso.

Abramo (2004; 2007) expôs que a imagem da mulher como força de trabalho secundária está presente no imaginário: social, empresarial, sindical, das

próprias mulheres e dos responsáveis pelas políticas públicas, resistindo a muitas mudanças ao longo das décadas.

Ou ainda a necessidade de auxiliar a família com recursos financeiros, bem como pela oportunidade que teve. Com o passar do tempo a questão da escolha da área para empreender tem menos relação com o sexo, e mais com a oportunidade que ele como empreendedor vai ter (ZUINI, 2014).

No entanto, essa opção traz consequências, porque a imagem da mulher empreendedora não “combina” com as atribuições da esfera privada e, por isso, elas são as maiores lesadas nesta situação de diversas formas, como a separação, ter que abdicar ter filhos, dupla jornada, uma das entrevistas relatou que sofreu algum tipo de preconceito, uma vez que foi tratada com desigualdades devido ao gênero. “Primeiro é a aceitação, a credibilidade do nosso trabalho, tu tens que provar que tu és capaz, para consegui [...] no começo não tinha apoio, foi muito difícil no início com a família, principalmente com o marido meu casamento encerrou porque ele não aceitou a escolha, pelo próprio fator de eu ter certa independência, lidar com homens, ter que sair, por eu ter que de repente não ficar só cuidando só das casas e dos filhos, e mesmo assim eu cuidava da casa eu cuidava dos filhos” [E2].

Então, quando não são atendidas as exigências culturais que naturalizam a mulher como a pessoa que cuida da casa, dos filhos, do marido, da família, como consequência vem à separação conjugal, porque o marido não a apoia e ela acaba tendo que abrir mão de não ter filhos, ou de ter filhos. Então, com uma idade mais avançada e ainda tendo pouco tempo para a família, ela não quer “perder” tempo para ter filhos. A divisão do trabalho, portanto, relaciona-se diretamente com o papel da mulher no processo reprodutivo, organizando a família internamente e colocando, assim, a mulher na organização doméstica (BRUHNS, 1995). Essa mulher precisa provar que dá conta das suas atividades da esfera pública.

Dessa maneira, elas precisam desenvolver inúmeras atividades, porque também são responsáveis por desenvolver o papel da esfera pública (no ambiente da empresa) e privada (na dimensão do lar). Com a consolidação da mulher no mercado de trabalho, é percebível uma sobrecarga relacionada à dupla jornada de trabalho, já que a mulher tendo que dar conta de cuidar da carreira profissional e pessoal (BRUSCHINI, 2000). Além disso, empecilhos associados à duplo-tripla jornada de trabalho, discriminação, apoio para projetos, e tudo porque são mulheres

buscando a igualdades e encontram barreiras devido ao gênero (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Contudo, existem também outras dificuldades enfrentadas pelas empresárias, um deles é empreender no Brasil, formalização, impostos, burocracia, há relatos que é perda de tempo, poderia estar empreendendo mais. Torna-se um empecilho no crescimento, não tem apoio governamental.

Hirata e Kergoat (2007, p. 599) afirmaram que a divisão sexual do trabalho tem “[...] como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares e outros) ”.

Com relação ao **Eixo 2 - sobre o exercício do poder das empreendedoras**, ele se materializa pelas características de liderança, empoderamento das mulheres e, como consequência, o apoio ao empreendedorismo social feminino – as quais foram detalhadas na Figura 6.

Essas mulheres, diante da desigualdade inclusive no ambiente de trabalho – esfera pública, vê-se imposta a ter atitudes “fortes” a fim de conseguirem se colocar como empreendedoras e manterem-se no mercado de trabalho, dessa maneira, tornam-se líderes, mas não perdem o foco social.

Essa liderança torna-as realizadas como pessoa e faz com que tenham uma carreira bem-sucedida. Ely (1999) afirmou que as relações de gênero, na forma de anti-opressão, são externalizadas por meio das práticas sociais que aumentam a consciência das assimetrias de gênero e poder das pessoas e como tais desequilíbrios limitam a escolha e possibilidade em suas vidas e de outras pessoas.

As empreendedoras promovem atos sociais que levam outras mulheres ao empoderamento por meio de projetos sociais os quais são voltados para a inclusão feminina e fomentam o desenvolvimento de mulheres. Elas demonstraram que precisam de mais apoio familiar e profissional, sendo assim, o “fardo” que carregam ficará mais leve, tudo porque tomaram a decisão de se tornar mulheres de sucesso, precisam ser vistas diferente. “As dificuldades, eu vejo assim, mais apoios de projetos [...] também fazem com que a gente tenha dificuldades, que às vezes assim a gente poderia estar empreendendo mais se fosse seguro” [E1].

Bruschini (2000) salienta que a mulher vem ocupando espaços sociais, culturais e profissionais tradicionalmente destinados apenas aos homens, provocando uma mudança que induz à redução da hierarquia de gênero nas relações conjugais, também nas demais relações sociais e, conseqüentemente, no trabalho.

5 CONCLUSÃO

Referente ao objetivo inicial deste estudo, o qual era compreender as motivações e desafios que levaram as mulheres a empreenderem, estes foram alcançados, através de estudos e pesquisas com informações secundárias e primárias. O qual apontou que os principais motivos que levam as mulheres ao empreendedorismo, que é a realização pessoal e independência.

Tratando do objetivo de traçar o perfil das pesquisadas, os dados apontaram que são mulheres mais “maduras”, com um conhecimento vasto, duas delas têm filhos, casadas, uma viúva. Acerca das áreas de atuação, os dados apontaram áreas distintas. Zuini (2014) esclareceu que não há um setor mais apropriado para as mulheres empreenderem, tais áreas surgem de acordo com as oportunidades do mercado.

Acerca dos motivos e desafios – Eixo I – que levaram as mulheres ao empreendedorismo, verificou-se que elas buscavam realização pessoal, mas também havia o desejo de não ser funcionária de uma empresa, também a questão da responsabilidade social, oportunidade que surgiu no mercado e, ainda, a influência da família para dar continuidade ao negócio da família. Os desafios encontrados foram: a questão da área de atuação, o ter que buscar conhecimento e o atual cenário brasileiro.

Foram realizadas entrevistas, por meio das quais foi possível identificar as consequências em razão de terem-se tornado empreendedoras, são elas: separação conjugal, optar por não ter filhos, pouco tempo disponível para família e a concorrência agressiva, tende a minimizar os iniciantes. Sobre as dificuldades enfrentadas pelas empreendedoras, foi sentido por elas a falta de apoio para seus projetos, legislação reguladora, a aceitação no mercado em razão de questões de gênero e discriminação.

Focalizando o Eixo II, perceberam fortes características de liderança, empoderamento e participação em atividades sociais que levam as mulheres ao empoderamento. São mulheres persistentes e otimistas, que buscam constantemente melhores resultados. Provocam conseqüentemente o empreendedorismo social, as quais oferecem apoio emocional, resgate e fortalecimento da autoestima das mulheres.

Portanto, os resultados promovem a inclusão social e profissional. Para acrescentar, estas estão plantando para elas também dar continuidade neste trabalho de empoderamento, o movimentando está alcançando várias mulheres para essa carreira empreendedora, sendo assim consequentemente causam as mudanças sociais no meio em que estão inseridas.

Com o propósito de articular as características empreendedoras das entrevistas com a abordagem da divisão sexual do trabalho, percebeu-se que a desigualdade de gênero permanece e que a mulher pode ir para esfera pública, mas tem que continuar nas dependências da esfera privada também e tem que dar conta das atividades da esfera pública e privada, além de ter que se dedicar mais que os homens para provar sua competência. Com a consolidação da mulher no mercado de trabalho, é perceptível uma sobrecarga relacionada à dupla jornada de trabalho, já que a mulher tendo que dar conta de cuidar da carreira profissional e pessoal (BRUSCHINI, 2000).

Assim como, Bruschini (2000) salienta que a mulher vem ocupando espaços sociais, culturais e profissionais tradicionalmente destinados apenas aos homens, provocando uma mudança que induz à redução da hierarquia de gênero nas relações conjugais, também nas demais relações sociais e, consequentemente, no trabalho.

Portanto, pode-se dizer que mulher empreendedora é, ao mesmo tempo, singular e histórica. Ela não é determinada pelas condições sociais e históricas, mas é capaz de agregar sua subjetividade na geração de sentidos e significados em seus diferentes sistemas de relação (FERREIRA; NOGUEIRA, 2013).

Este estudo tem como limitação a coleta de dados primários, pelo fato da dependência de fatores externos – agenda das participantes da pesquisa - e também em função do tempo para elaboração deste trabalho o que resultou em um número aquém da amostra pretendida. Inicialmente, estimou-se investigar treze participantes do Núcleo da Mulher Empresária, que faz parte da Associação Empresarial de Criciúma - ACIC, das quais três se dispuseram a dispender de tempo para as entrevistas.

Por fim, sugere-se a continuação deste estudo, como ampliar o número de entrevistadas do próprio núcleo da mulher empresária, ou outros grupos de mulheres empreendedoras.

Finaliza-se com a notícia publicada na revista Mulheres Empreendedora a qual traz que é importante discutir a questão dos desafios do empreendedorismo feminino, para que as novas empreendedoras contêm com um ambiente mais favorável às suas iniciativas (OSÓRIO, 2016).

REFERENCIAS

- ABRAMO, L. W. ¿Inserción laboral de las mujeres en América Latina: una fuerza de trabajo secundaria?. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, ago. 2004, p. 224-235. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n2/23969.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2014.
- ABRAMO, L. W. **A inserção da mulher no mercado de trabalho**: uma força de trabalho secundária? (Tese) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Programa de Doutorado em Sociologia. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.
- AIDAR, M. M. **Empreendedorismo**. São Paulo: Thomson, 2007. 145 p.
- ALMEIDA, I. C; ANTONIALLI, L. M; GOMES, A. F. Comportamento estratégico de mulheres empresárias: estudo baseado na tipologia de Miles e Snow. **Revista Ibero-Americana de Estratégia**, v. 10, n. 1, p. 102-127, 2011.
- ALMEIDA, L. S. Mãe, cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham. **Revista do Departamento de Psicologia**, v. 19, n. 2, p. 411-422, jul./dez.2007.
- ANDRADE, J. O; CARVALHO NETO, A. (Org.). **Mulheres profissionais e suas carreiras sem censura**: Estudos sob diferentes abordagens. São Paulo: Atlas SA, 2015.
- ANDRADE, M. M. **Introdução a metodologia do trabalho científico**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006. 174 p.
- BAGGIO, A. F.; BAGGIO, D. K. Empreendedorismo: Conceitos e definições. **Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia**, v. 1, n. 1, p. 25-38, 2015.
- BARBOSA, R; DUARTE, A; VERAS, C. **Histórias de sucesso**: mulheres empreendedoras. Brasília, DF: SEBRAE, 2006. 213 p.
- BARROS, M. J. F.; PASSOS, E. S. Remendando a favor da maré: racionalidade instrumental no curso de administração de empresas. **Organização e Sociedade**, v. 7, n. 19, p. 161-174, 2000.
- BELLE, F. Cultura de empresa e identidades profissionais. **Revista de Administração**, n. 2, p. 40-59, 1991.
- BERTOLINI, L. B. A. **Relações entre o trabalho da mulher e a dinâmica familiar**. São Paulo: Vetor, 2002.
- BETIOL, M. I. S; TONELLI, M. J. As mulheres executivas e suas relações de trabalho. **ERA – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 31, n. 4, p. 17-33, 1991.

BRUHNS, H. T. Corpos femininos na relação com a cultura. In: ROMERO, Elaine (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

BRUSCHINI, C. Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? (Brasil, 1985/95). In: ROCHA, Maria Isabel Baltar. **Trabalho e gênero: mudanças, persistências e desafios**. Campinas: ABEP, NEPO/UNICAMP e CEDEPLAR/UFMG/ São Paulo: Ed.34, 2000.

BRUSCHINI, C. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. Fundação Carlos Chagas, Grupo de Pesquisa Socialização de Gênero e Raça. **Caderno de Pesquisa**. v. 37, n. 132, p. 537-572, set./dez. 2007.

CALÁS, B.; SMIRCICH, L. From “the woman’s” point of view: feminist approaches to organizations studies. In: CLEGG, S. et al. **Handbook of organization studies**. London: Sage, 1996.

CALÁS, M. B.; SMIRCICH, L. Do ponto de vista da mulher: abordagens feministas em estudos organizacionais. In: CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W. R. (Org.). **Handbook de estudos organizacionais**, v.1. São Paulo: Atlas, 1999.

CANTILLON, R. **Ensaio sobre a natureza do comércio em geral**. Curitiba: Segesta, 2002.

CALLADO, A. A. C. et al. Gênero e gestão estratégica empresarial: uma investigação em organizações agroindustriais comercializadoras de frutas na Ceasa/PE. **REUNA**, Belo Horizonte, v.18, n.1, p. 41-56, jan./mar., 2013. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/download/18799>>. Acesso em: 19 out. 2016.

CAPPELLE, M. C. A.; MELO, M. C.; O. L.; BRITO, M. J. de. Uma análise da dinâmica do poder e das relações de gênero no espaço organizacional. **Revista de Administração de empresas, RAE-eletrônica**, v.3, n.2, art. 22, jul/dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/raeel/v3n2/v3n2a06.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2016.

CAPPELLE, M. C. Alves et al. A produção científica sobre gênero nas organizações: uma meta-análise. **Read: revista eletrônica de administração**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p.502-528, dez. 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/read/article/view/39960/25469>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

CARDOSO, I. **Mulher e trabalho: discriminações e barreiras no mercado de trabalho**. São Paulo: Cortez, 1980.

CASEY, J. **A história da família**. São Paulo: Ática, 1992.

CASTANHAR, J. C. Empreendedorismo e desenvolvimento regional no Brasil: **uma análise da relação entre a criação de empresas e o desenvolvimento regional ao longo do tempo e de estratégias de empreendedores selecionados**. Tese

(Doutorado) – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Escola de Gestão Iscte, Portugal, 2007.

COHEN, D. Autodestruição... ou morte! O novo recado de Tom Peters: se algo está dando certo... muda. São Paulo: Abril Editora, **Exame.com**, 10 de nov. 2003.

COSTA, C. **A imagem da mulher**: um estudo de arte brasileira. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2002.

COSTA, A. M; BARROS, D. F; MARTINS, P. E. M. Linguagem, relações de poder e o mundo do trabalho: a construção discursiva do conceito de empreendedorismo. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v.42, n.5 , p.995-1018, out. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v42n5/a09v42n5.pdf> Acesso em: 14 de mar. 2017.

CROMPTON, R. **Employment and the family**: the reconfiguration of work and family life in contemporary societies. Cambridge University Press, 2006. Acesso em: 14 mar. 2017.

CHANLAT, J. F. Quais carreiras e para qual sociedade? **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 6, p. 67-75, 1995.

CYRINO, R. Essencialismo de gênero e identidade sexual: o caso das mulheres executivas. **Cad. Esp. Fem.**, Uberlândia, v. 24, n. 1, p. 79-102, jan. 2011.

DAMASCENO, L. D. J. **Empreendedorismo Feminino**: Um estudo das Mulheres Empreendedoras com modelo proposto por Dornelas. 2010. 59 f. Monografia (Especialização) - Curso de Administração de Empresas, Faculdade 7 de Setembro – Fa7, Fortaleza, 2010. Disponível em: http://tupi.fisica.ufmg.br/michel/docs/Artigos_e_textos/A_mulher-e-o-mercado_de_trabalho/017 - Empreendedorismo feminino.pdf. Acesso em: 23 nov. 2016.

DaMATTA, R. **A casa & a rua**. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: transformando idéias em negócios. 3 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DUARTE, A.; OLIVEIRA, T. de; GOMES, J. Imperium femininis: uma liderança de sucesso escondido. **Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão**, v.8, n.3, Jul/Set, 2009.

EXAME.COM. Brasil é o terceiro maior país em número de empreendedores. **Exame.com**. 2012. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/pme/brasil-e-o-terceiro-maior-pais-em-numero-de-empresarios/>. Acesso em: 18 ago. 2016.

FEGER, J.E. Empreendedores sociais e privados: existem diferenças? In: ENAPG, 1. *Anais...*Rio de Janeiro, 2004.

FERREIRA, J. M; NOGUEIRA, E. E. S. Mulheres e suas histórias: razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino. **Rev. adm. contemp. [online]**, v.17, n.4, p.398-417, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v17n4/a02v17n4.pdf> Acesso em: 05 out. 2016.

FIALHO, F. A. P. et al. **Empreendedorismo na Era do Conhecimento: Como estimular e desenvolver uma cultura empreendedora alicerçada nos princípios da Gestão do conhecimento e da sustentabilidade.** Florianópolis: Visual Books Ltda, 2006.

FREYRE, G. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano.** 15. Ed. Ver. São Paulo: Global, 2004.

GIMENEZ, F. A. P. **Trajetórias empresariais femininas: estudo comparativo entre empreendedoras e sucessoras de empresas familiares (Projeto de Pesquisa CNPQ).** Curitiba, PR, Brasil, 2010.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa 8ªed. qualitativa em Ciências Sociais.** 8 Ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. 57p.

GOMES, A. F. et al. Trajetórias e estratégias de mulheres: um estudo conquistense. **Revista de Gestão USP**, v.16, n.1, jan./mar, 2009.

GOMES, A. F. O empreendedorismo como uma alavanca para o desenvolvimento local. **Revista de Administração de Empresas**, v. 7, n. 2, jul./dez. 2005.

GRECO, S. M. S. S. et al. **Empreendedorismo no Brasil: 2008.** Curitiba: IBQP; 2009. Disponível em: <www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/GEM-Brasil-2008.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2016.

GUEDES, E. M. **Curso de Metodologia Científica.** Curitiba, PR: HD Livros, 2000, 224 p.

HIRATA, H. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cad. Pagu [online]**. 2002, n.17-18, pp.139-156. ISSN 1809-4449. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a06.pdf> Acesso em: 01 abr. 2017.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cad. Pesqui.** [online]. 2007, vol.37, n.132, pp.595-609. ISSN 0100-1574. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf> Acesso em: 01 abr. 2017.

HIRATA, Helena. Tendências recentes da precarização social e do trabalho: Brasil, França, Japão. **Cad. CRH [online]**. 2011, vol.24, n.spe1, pp.15-22. ISSN 0103-4979. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v24nspe1/a02v24nspe1.pdf> Acesso em: 01 abr. 2017.

IBGE. **Mulher no mercado de trabalho: perguntas e respostas.** 8 de março de 2010. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp.pdf Acesso em: 21 mar. 2017.

IBGE. PESQUISA PNAD. 2003. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica>>. Acesso em: 19 out. 2016.

IZQUIERDO, M.J. Uso y abuso del concepto de género. In: VILANOVA, M. (Org.). **Pensar las diferencias**. Barcelona: Universitat de Barcelona/ICD, 1994.

JONATHAN, E. G. Mulheres empreendedoras: o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder. **Psicol. clin. [online]**. 2011, vol.23, n.1, pp.65-85. ISSN 0103-5665. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/pc/v23n1/a05v23n1.pdf> Acesso em: 08 abr. 2017.

JONATHAN, E. G.; SILVA, T. M. R. Empreendedorismo feminino: tecendo a trama de demandas conflitantes. **Psicol. Soc. [online]**. 2007, vol.19, n.1, pp.77-84. ISSN 0102-7182. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19n1/a11v19n1.pdf> Acesso em: 10 abr. 2017.

JONATHAN, E. G. Mulheres empreendedoras: medos, conquistas e qualidade de vida. **Psicol. estud. [online]**. 2005, vol.10, n.3, pp.373-382. ISSN 1413-7372. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n3/v10n3a04.pdf> Acesso em: 10 abr. 2017.

FERREIRA, J. M; NOGUEIRA, E. E. S. Mulheres e suas histórias: razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino. **Rev. adm. contemp. [online]**. 2013, vol.17, n.4, pp.398-417. ISSN 1982-7849. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/rac/v17n4/a02v17n4.pdf> Acesso em: 08 abr. 2017.

KOVÁCS, P. **As metamorfoses do emprego**: ilusões e problemas da sociedade da informação. Oeiras, Portugal, 2002.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2010. 289 p.

LEONE, E. T. Renda familiar e trabalho da mulher na região metropolitana de São Paulo nos anos 80 e 90. In: ROCHA, Maria Isabel Baltar (Org.) **Trabalho e gênero**: mudanças, persistências e desafios. Campinas: ABEP, NEPO/UNICAMP e CEDEPLAR/UFMG/ São Paulo: Ed.34, 2000.

LOUREIRO, P.; CARDOSO, C.C. O gênero e os estereótipos na gestão. **Tékhné [online]**, n.10, p. 221-238, 2008.

LOMBARDI, Maria Rosa; BRUSCHINI, Cristina. Trabalho feminino no Brasil no final do século: ocupações tradicionais e novas conquistas. In: HIRATA, Helena; SEGNINI, Liliana (Orgs.) **Organização, trabalho e gênero**. São Paulo: Ed. SENAC, 2008.

MACHADO, H. V.. **Identidade empreendedora de mulheres no Paraná**. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Florianópolis: UFSC, 2002.

MACHADO, H. V. Expressão emocional no exercício da atividade empreendedora por mulheres. **Organ. Soc.[online]**, v.13, n.38, p. 59-72, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/osoc/v13n38/a04v13n38.pdf>> . Acesso em: 26 out. 2016.

MACHADO, H. V. et al. O processo de criação de empresas por mulheres. **RAE electron.** [online]. 2003, vol.2, n.2. ISSN 1676-5648. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/raeel/v2n2/v2n2a07.pdf> Acesso em: 10 abr. 2017.

MARTIN, J. Hidden gendered assumptions in organizational theory and research. **Journal of Management Inquiry**, v.9, n.2, jun., 2000.

MARTINS, G. A; THEÓPHILO, C. R.. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 247 p.

MEYER, D. Do poder ao gênero: uma articulação teórico-analítica. In: LOPES, M.J.M.; MEYER, D.; WALDOW, V.R. (Orgs.). **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 41-51.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos**. 3. ed. atual. e ampl São Paulo: Atlas, 2015. xvi, 284 p.

NATIVIDADE, D. R. Empreendedorismo feminino no Brasil: políticas públicas sob análise. **Rev. Adm. Pública** [online]. 2009, vol.43, n.1, pp.231-256.

NEDER, G. Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. In. KALOUSTIAN, Sílvio Manoug. **Família Brasileira, a base de tudo**. 5. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 2002.

OLIVEIRA, R. D. **Elogio da diferença: o feminino emergente**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

Osório, J. Os desafios do empreendedorismo feminino. **Mulheres empreendedoras**. 2016. Disponível em: <http://www.mulheresempreendedoras.net.br/desafios-do-empreendedorismo-feminino/> Acesso em 24 abr. 2017.

Osório, J. Mulheres empreendedoras no Brasil. **Mulheres empreendedoras**. 2016. Disponível em: <http://www.mulheresempreendedoras.net.br/mulheres-empreendedoras-no-brasil/> Acesso em 24 abr. 2017.

PERROT, M. **Mulheres públicas**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PENALOZA, V.; DIOGENES, C. G. e SOUSA, S. J. A. Escolha profissional no curso de administração: tendências empreendedoras e gênero. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie** (Online) [online]. 2008, vol.9, n.8, pp.151-167. ISSN 1678-6971. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ram/v9n8/a09v9n8.pdf> Acesso em: 10 abr. 2017.

PORTO, M. F. S. **Pérolas em chão árido: organização, ação social, ação política e cultura política de mulheres empresárias no estado de Minas Gerais**. (Tese de

Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-graduação em História e Culturas Políticas, 2007.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. Ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 274p.

ROCHA-COUTINHO, M. L. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RODRIGUES, G. **Mulheres de Negócios: histórias que inspiram: nove mulheres que se destacam no empreendedorismo brasileiro são reconhecidas**. 2015. Disponível em: <<http://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/mulheres-de-negocios-historias-que-inspiram,c7fba4ef167eb410VgnVCM2000003c74010aRCRD>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

SANTOS, J.; ANTUNES, E. Relações de gêneros nas organizações: a construção de estereótipos de licença masculina e feminina no judiciário de Rondônia. **Revista de Administração e Negócios da Amazônia**, v. 4, n. 3, p. 171-189, 2012.

SARAIVA, L. A. S. O túnel no fim da luz: **a educação superior em administração no Brasil e a questão da emancipação**. In: ENCONTRO DA ANPAD, 31. *Anais...* Rio de Janeiro, 2007.

SCORZAFAVE, L. G. S. **A evolução e os determinantes da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro**. (Dissertação de mestrado) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

SCOTT, J.. **Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica**. Educação e Realidade, v.20, n.2, jul./dez., 1995.

SILVA, M. M. Mulher, identidade fragmentada. In: ROMERO, Elaine (Org.) **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

STROBINO, M. R. C. e TEIXEIRA, R. M. Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. **Rev. Adm. (São Paulo)** [online]. 2014, vol.49, n.1, pp.59-76. ISSN 0080-2107. Acesso em: 08 Abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rausp/v49n1/a06v49n1.pdf>

VALE, Gláucia Maria Vasconcellos; SERAFIM, Ana Carolina Ferreira e TEODOSIO, Armindo dos Santos de Sousa. **Gênero, imersão e empreendedorismo: sexo frágil, laços fortes?**. *Rev. adm. contemp.* [online]. 2011, vol.15, n.4, pp.631-649. ISSN 1982-7849. Acesso em: 08 Abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n4/a05v15n4.pdf>

ZUINI, P. Os negócios preferidos das mulheres que empreendem. **Exame.com**. 2014. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/pme/os-negocios-preferidos-das-mulheres-que-empreendem/> Acesso em: 25 abr. 2017.



AUTORIZAÇÃO

Eu **Cesar Smielevski**, abaixo assinado, portador do CPF 486.534.979-00 residente e domiciliado na cidade de Criciúma – SC, Presidente da **Associação Empresarial de Criciúma - ACICRI**, autorizo a realização do estudo **Empoderamento Feminino**, a ser conduzido pela pesquisadora Caroline Alves Pinheiro. Fui informado pela mesma sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

<

Criciúma, 30 de Maio de 2017.

Cesar Smielevski
Presidente